



Sumário

BNCC DE GEOGRAFIA E COVID-19: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE VIDEOCONFERÊNCIA PROMOVIDA PELA UNIMES EaD	7
A PANDEMIA E OS DESAFIOS NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE BAYEUX- PB.....	16
A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO: relato sobre a oferta de cursos por meio da EaD.....	24
DESAFIOS DO ENSINO REMOTO NA REDE MUNICIPAL DE PRAIA GRANDE	35
A TECNOLOGIA COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	45
CONSTRUINDO NOVAS PERSPECTIVAS NO ENSINO REMOTO	58
ENTRE VÍDEOS TEMÁTICOS E AULAS AO VIVO: PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA ASSEGURAR O PROCESSO DE APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR EM TRABALHO REMOTO	67
LABORATÓRIO VIRTUAL: UM ESPAÇO DE APRENDIZAGEM E DE COMPARTILHAMENTO DE PRÁTICA.....	73
AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM NO SOFTWARE GOOGLE CLASSROOM	83





BNCC DE GEOGRAFIA E COVID-19: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE VIDEOCONFERÊNCIA PROMOVIDA PELA UNIMES EaD

Renata Barrocas

Maria Gloria da Silva Castro

RESUMO

Os princípios do raciocínio geográfico sustentaram a discussão sobre a pandemia da Covid-19 no II Encontro do Curso de Licenciatura em Geografia da UNIMES EaD. Os docentes estudaram o fenômeno geográfico considerando as pandemias anteriores, tradições culturais e impactos ambientais antrópicos enquanto prováveis origens do vírus Sars-CoV-2 na China, bem como a sua disseminação no mundo globalizado pelos transportes. No país, a análise considerou a hierarquia urbana, com a disseminação iniciada nas capitais com o maior fluxo dos transportes aéreo e marítimo internacionais e nas cidades próximas às principais rodovias, concluindo na escala da Região da Baixada Santista. A discussão da pandemia, como um fenômeno relacionado à ciência geográfica, promoveu aos alunos a oportunidade de conhecer estratégias de ensino e uma proposta de avaliação formativa através do conteúdo apresentado no plano de aula para reproduzirem na educação básica a interpretação da pandemia pelo raciocínio geográfico.

Palavras-chave: Pandemia. Geografia. Covid-19. Plano de aula. Videoconferência.





1 INTRODUÇÃO

Pandemias são fenômenos essencialmente geográficos e a Covid-19 não foge à regra. O objetivo deste texto é relatar a experiência dos professores do curso de Geografia da UNIMES para a elaboração e execução de apresentação sobre o tema dirigida à formação dos atuais e futuros docentes em tempos tão excepcionais.

Além destas autoras, participaram da elaboração e execução do projeto os professores Andrei Cornetta, Cristiane Fernandes de Oliveira, Érika Megumy Tsukada e Simone Rezende da Silva. Agradecemos o apoio da coordenadora do curso Técia Regiane Bergamo e a colaboração na apresentação do professor Richard Fonseca Francisco.

A pandemia da Covid-19 ocasionou surpreendentes transformações nas relações cotidianas, levando professores de ensino fundamental e médio em todo o país a trabalharem remotamente, atendendo à recomendação no início do ano para permanecerem em isolamento social. As aulas de geografia poderiam tornar-se fundamentais para a compreensão da pandemia, já que ela é um fenômeno essencialmente geográfico, mas as informações abordadas geralmente destacam os meios e os riscos da contaminação pelo Sars-CoV-2. Os professores de Geografia da UNIMES debateram os componentes geográficos da pandemia e criaram uma atividade que foi apresentada por videoconferência durante o II Encontro do Curso de Licenciatura em Geografia, na modalidade de ensino a distância (EaD), para esclarecimento e apoio aos estudantes do curso que lecionarão ou atuam na escola básica.

2. CONTEXTO E REALIDADE INVESTIGADA

As videoconferências são alternativas sincrônicas para a maior interatividade entre os participantes do ensino a distância, favorecendo o





processo de ensino e aprendizagem entre educadores e educandos, em tempo real, apesar de dependerem da disponibilidade dos participantes para se efetivar. (CASTRO, BASTOS e VARGAS, 2012).

A videoconferência e a webconferência estabelecem a interação entre os participantes independentemente das distâncias geográficas. A videoconferência possibilita a impressão de que os participantes compartilham o mesmo ambiente, utilizando dispositivos específicos que possuem ainda um alto custo para sua utilização.

A UNIMES EaD organizou uma videoconferência para comemorar o II Encontro do Curso de Licenciatura em Geografia no dia 24/6/20, por meio do aplicativo Zoom Meetings, que possibilitou o encontro sincrônico dos estudantes e professores do curso.

A condição atual da pandemia estimula a aprendizagem significativa, que decorre da relevância que o ensino possa representar para o estudante, considerando o seu conhecimento prévio, relativo a experiências pessoais e escolares anteriores, como, dentre tantas influências, os vínculos afetivos com os lugares de vivência e os ritmos em seu cotidiano.

A convivência recente com os desafios da Covid-19 nas diferentes escalas geográficas reelaborou as leituras dos lugares de realização do cotidiano, inclusive os escolares, promovendo novas condições para a aprendizagem significativa. A elaboração de plano de aula e sequência didática sobre essa realidade propõe metodologia para que o professor de geografia possa interpretar o fenômeno de forma articulada e crítica.

3. DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO-PROBLEMA E OPORTUNIDADE

A construção da atividade direcionada ao evento do curso de Geografia e apresentação aos alunos da licenciatura em Geografia da modalidade Ensino a Distância da UNIMES usou como mote um plano de aula sobre a pandemia





promovida pelo novo coronavírus. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), referente ao componente curricular de Geografia, foi organizada a partir dos sete princípios do raciocínio geográfico para desenvolver habilidades e competências sobre a leitura de mundo através do olhar geográfico. A Base propõe a criação de um currículo espiralado promovendo a progressão destes princípios conforme ocorre o avanço dos anos da escolaridade básica perpassando por todo o ciclo numa progressão constante. Sustentados pela taxonomia de Bloom, de acordo com Ferraz e Belhot (2010), os verbos apresentados no desenvolvimento das habilidades de cada componente têm o objetivo de apresentar os processos cognitivos mobilizados no momento da aprendizagem. Essa proposta espiralar para desenvolvimento das habilidades possibilita ao professor relacionar os setes princípios aos fenômenos geográficos cotidianos, afinal, a proposta central da base é um currículo dialogado com o mundo. A discussão simplista e descritiva se supera quando o aluno articula a identidade do raciocínio do componente curricular a discussão do fenômeno. Com este plano de aula, sugerimos uma sequência didática com o propósito de não negligenciar a dimensão e importância do cotidiano e propor a apresentação dos sete princípios para que o aluno articule com a disseminação do novo coronavírus Sars-CoV-2 em várias escalas.

Partindo dessa premissa apresentamos como relato de experiência um plano de aula de Geografia sobre a disseminação da Covid-19 direcionado ao nono ano do ensino fundamental e organizado através do desenvolvimento de habilidades específicas, sendo que os verbos que direcionam a construção do raciocínio geográfico nestas habilidades são: analisar, comparar e classificar. Estes três verbos são fundamentais para a interpretação dos fenômenos e sua distribuição espacial.





4. ANÁLISE DA SITUAÇÃO-PROBLEMA E RECOMENDAÇÕES

A proposta deste relato de experiência é apresentar aos alunos em formação na graduação de Geografia, professores atuantes e interessados na área e em conhecer como esta ciência pode colaborar na interpretação da disseminação da Covid-19 em várias escalas espaciais. Para a análise da escala global a disseminação a partir da cidade de Wuhan, província de Hubei, promove várias intersecções nesta rede de disseminação. A primeira pergunta que desperta a curiosidade é da seguinte interpretação: Por que a província chinesa foi a disseminadora de um vírus letal e de rápida contaminação? Para organizarmos nossa análise precisamos considerar dois contextos: o cultural e o econômico. Sobre o cultural, segmentos da sociedade chinesa que possuem o hábito de alimentar-se de animais, que podem ser transmissores de doenças infecciosas aos seres humanos, cancelam a hipótese de que as teorias que envolvem a zoonose tiveram um papel significativo para compreendermos a disseminação do vírus. A segunda abordagem que diz respeito ao contexto econômico que está relacionado à indústria têxtil e sua relação com a moda italiana, reconhecida mundialmente. A imprensa e a comunidade acadêmica relatam que este segmento industrial utiliza a mão de obra barata de chineses para sua produção. A cidade de Wuhan tem uma relação direta por dois motivos: incentiva a emigração de chineses ao norte italiano em virtude da oferta de emprego, sobretudo na região da Lombardia e Toscana. Além disso, o turismo é um outro vetor desta mobilidade e a Itália é um dos países mais visitados do mundo.

Ao ensinarmos sobre a disseminação do Sars-CoV-2 a análise deve ser a da escala global e não pontual para desta forma evitarmos reflexões que gerem uma abordagem voltada para a segregação. Ao considerarmos alguns eventos como o aumento dos desmatamentos, da agropecuária intensiva, da mineração





e da exploração de fauna e flora silvestres, qualquer país poderá ser o próximo disseminador de vírus, inclusive o nosso.

O suporte teórico e metodológico desta proposta se organizou a partir das ideias dos geógrafos Sposito e Guimarães (2020), que desde o início da pandemia divulgaram suas pesquisas sobre a temática em redes sociais além do empenho em promover as publicações acadêmicas para suporte de investigação sobre o assunto.

A analogia com outras epidemias como a espanhola (1918) e a gripe aviária (2007), por exemplo, além de mostrar a distribuição espacial leva os alunos a reconhecerem a temporalidade destes fenômenos e que a sociedade contemporânea já passou por outros episódios.

Quanto a distribuição da Covid-19 no Brasil, optamos por um recorte temporal e regional. Sobre o período escolhemos os meses de março a junho e abordamos os epicentros de contaminação em várias escalas. A linguagem cartográfica, identitária da ciência geográfica, foi utilizada na apresentação e solicitada como obrigatória aos interessados na aplicação desta atividade. A entrada do vírus no nosso território ocorreu por dois modais, os aeroportos internacionais e os portos marítimos, em virtude do intenso fluxo de pessoas oriundas de diferentes países.

A região Norte, sobretudo o estado do Amazonas, foi destaque para explicar que a disseminação do vírus está diretamente relacionada com a falta de saneamento básico. Um empenho do grupo de professores na organização deste material foi o de apresentar as rodovias paulistas como difusoras do vírus no interior. As principais rodovias paulistas o transportaram para as médias e pequenas cidades, sobrecarregando o sistema de saúde e mostrando a fragilidade de equipamentos em vários municípios.

A Baixada Santista foi cartografada para evidenciar o crescimento diário do número de contaminados e a centralidade regional de Santos em virtude da concentração dos maiores hospitais e consequente oferta de equipamentos.





A partir desta organização escalar os demais princípios como a diferenciação, conexão, distribuição, extensão e ordem foram articulados com assuntos relacionados às redes geográficas de interpretação espacial: transportes, saúde, economia e cultura.

A avaliação proposta no plano de aula atende a solicitada no documento da Base que reforça a importância da avaliação formativa. E, para atendermos as perspectivas de currículo espiralado da Base propomos uma avaliação dos conhecimentos prévios como etapa da avaliação. A partir premissas teóricas de Libâneo (2008) promovemos uma proposta de avaliação sob a perspectiva de três situações: a) a compreensão do impacto da disseminação da Covid-19 em várias regiões do mundo através de dados cartográficos e conceituais com ênfase nos sete princípios do raciocínio geográfico; b) pela interpretação da disseminação da Covid-19 através da espacialidade dos fenômenos; e, c) para verificar se os alunos estabelecem a construção teórica entre a relação metabólica da sociedade com a natureza e as consequências da destruição acelerada da biodiversidade no século XX e nas duas primeiras décadas do século XXI.

5. CONCLUSÕES E CONTRIBUIÇÃO SOCIAL

A discussão sobre a pandemia da Covid-19 no evento inovou ao adotar o foco no ensino de geografia e o raciocínio geográfico enquanto uma análise a ser aplicada em sala de aula, estruturado em plano de aula e sequência didática, plano que previamente foi disponibilizado para os estudantes no Laboratório Virtual de Geografia. A importância do tema foi reforçada pela estrutura da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de Geografia, que norteou o plano e a sequência didática, neste caso, indicados para o nono ano do Ensino Fundamental, pela unidade temática das conexões e escalas. No evento, os professores discutiram questões de localização, distribuição, extensão, analogia,





diferenciação, conexão e ordem dos fenômenos geográficos, que são os princípios do Raciocínio Geográfico.

Participaram por volta de quarenta estudantes, representando cerca de 20% dos matriculados no curso, que acompanharam integralmente a conferência de aproximadamente duas horas, postando comentários e realizando anotações pessoais. Expostos a *lives* e webconferências sobre o Sars-CoV-2 e a Covid-19, que abordam estatísticas da pandemia no Brasil e no mundo, a apresentação surpreendeu por relacionar o tema com as aulas de geografia, destacando os aspectos geográficos, como os meios de transporte terrestres na difusão do vírus e a precariedade do saneamento básico no Brasil, inclusive discutindo a aprovação do novo Marco Legal do Saneamento Básico no país. A atividade favoreceu especialmente aos estudantes dos semestres que tiveram as disciplinas Metodologia e Prática de Ensino em Geografia e o Estágio Curricular Supervisionado, mas todos puderam compreender sobre a importância da aproximação entre a teoria e a prática na aprendizagem geográfica. Buscaremos no próximo evento antecipar a data de realização, para que possamos ter mais tempo durante o semestre para acompanharmos a repercussão dos encontros entre os professores e estudantes do curso.

REFERÊNCIAS

BNCC (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR). MEC – Ministério da Educação. 2018. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em 14 de set.2020.

CASTRO, Gabriela Jurak; BASTOS, Taísa da Silva; VARGAS, Letícia Marques. Webconferência: auxiliando na diminuição da distância transacional na EaD. ABED. 18º Congresso Internacional de Educação a Distância, de 23 a 26/9/2012. São Luís, Maranhão. Disponível em:

<<http://www.abed.org.br/congresso2012/anais/168c.pdf>>. Acesso em 13 de set. 2020.

FERRAZ, Ana Paula do Carmo Marcheti; BELHOT, Renato Vairo. Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. Gest. Prod., São Carlos, v. 17, n. 2, p. 421-





431, 2010.

Disponível

em:

<https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-530X2010000200015&lng=pt&tlng=pt. Acesso em 14 de set. 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 2008. 263p.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão e GUIMARÃES, Raul Borges. **Por que a circulação de pessoas tem peso na difusão da pandemia**. 2020. Disponível em: <https://www2.unesp.br/porta1#!/noticia/35626/por-que-a-circulacao-de-pessoas-tem-peso-na-difusao-da-pandemia> . Acesso em 14 de set. 2020.





A PANDEMIA E OS DESAFIOS NO PROCESSO ENSINO- APRENDIZAGEM DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE BAYEUX- PB.

José Rogerio da Silva

RESUMO

De cunho qualitativo, nossa pesquisa investiga os desafios enfrentando por estudantes e professores do município paraibano de Bayeux, durante o regime especial de ensino, em consequência da pandemia de COVID-19. Abordamos o cenário nacional, ao passo que conhecemos mais de perto o contexto socioeconômico e outros aspectos locais. Fazemos uma descrição do planejamento adotado pela Secretaria Municipal de Educação a fim de assegurar a continuação do ano letivo. Para melhor compreender o processo, entrevistamos quatro técnicos educacionais responsáveis pelos anos iniciais do Ensino Fundamental, escopo de nossa pesquisa. Diante do resultado obtido, discutimos as problemáticas e as soluções encontradas. Traçamos um panorama de como professores e estudantes foram afetados no processo de ensino e aprendizagem. Visualizou-se as questões sociais, econômicas e culturais dos alunos, também influenciam diretamente na participação das atividades não presenciais, seja pela ausência de tecnologia, seja por questões outras. Constatamos que muitos dos desafios postos, são de há muito estabelecidos, apenas sublinhados pela crise sanitária mundial. Apresentamos e discutimos os resultados de um mês de atividades não presenciais e com todo o arcabouço da atual conjuntura pode e certamente haverá profundas consequências na aprendizagem dos estudantes, com prejuízos incalculáveis à vida escolar.

Palavras-chave: Pandemia; Ensino Remoto; Bayeux – PB





INTRODUÇÃO/CONTEXTO DA AÇÃO

Em meio ao distanciamento social, imposto pela pandemia do agente patogênico coronavírus (COVID-19), escolas do Brasil foram se reelaborando, para continuarem a garantir o ensino nesta situação extraordinária, mas inevitável.

Diante desse cenário buscamos compreender os desafios e práticas da Rede Municipal de Bayeux - PB, com escopo nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Inicialmente, procuramos conhecer o contexto socioeconômico do município e medidas adotadas pela equipe pedagógica em preparação para a oferta do ensino remoto, referenciado pela equipe como atividades não presenciais. Escutamos ainda quatro técnicos educacionais, suas percepções e leitura da realidade (in) posta pela pandemia. Por fim, um breve relato do caminho percorrido, das estratégias adotadas, dos obstáculos enfrentados e dos primeiros resultados obtidos.

A pandemia do COVID-19, nos remete à muitas reflexões: da importância do papel social da escola, da relevância do trabalho docente, das desigualdades sociais presentes dentro de um mesmo espaço escolar, do quanto é importante a relação interpessoal e o papel da tecnologia na vida contemporânea.

MATERIAIS E MÉTODOS

Constitui-se pesquisa de cunho qualitativo. O uso de entrevistas como sendo indispensável para que exista um enriquecimento dos dados estudados, pois, para Severino (2007), trata-se uma técnica que tem por finalidade colher subsídios sobre uma matéria específica. Adotamos, ainda o estudo de caso, pois este apresenta características fundamentais que são destacadas por Lüdke e André (1986, p. 18): “Os estudos de caso visam à descoberta. Os estudos de





caso enfatizam a interpretação em contexto. Os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma completa e profunda. Os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação”.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que dos 28 mil domicílios ocupados na cidade, pelo menos 9,3 mil estão situados em comunidades (favelas), número que corresponde a cerca de 33,1% dos imóveis, com essa taxa também é a 4ª maior do país, entre os municípios que têm de 50 mil a 100 mil habitantes (IBGE, 2018). Estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e do Branco do Nordeste apontam que, no ano de 2020, 70,65% da população de Bayeux – PB estaria em situação de vulneráveis à pobreza.

Nesse arcabouço, encontra-se um alunado de 3.895 estudantes, distribuído em 33 turmas do 1º ano, 35 turmas do 2º ano, 39 turmas do 3º ano, 32 turmas do 4º ano e 36 turmas do 5º ano, perfazendo um total de 165 turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, divididas em 25 unidades escolares, onde, efetivamente, lá opera um total de 165 professores, conforme as informações de março de 2020 (Bayeux, 2020).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da implantação das aulas não presenciais, vejamos fragmentos da entrevista dos quatro profissionais. Vale salientar que estes elaboram, juntamente com as escolas, as estratégias de atividades não presenciais e deram suporte à orientação pedagógica.

Respostas à pergunta: Quais as maiores dificuldades que a equipe técnica da Secretaria encontrou, no início das atividades, e como buscou soluções ou alternativas?

Técnico 3: Muitas dificuldades, mas não dava mais para parar, era trocar o pneu com o carro andando. Me lembro principalmente da resistências dos





professores, isso foi muito difícil para a equipe, o professor é peça fundamental, sem ele não teria ensino remoto.

Daí passamos a conversar com esse professor remotamente e em particular, e descobrimos que não se tratava de falta de compromisso ou desinteresse para com o estudante, na verdade era um conjunto de fatores: medo do novo, medo da exposição, insegurança na elaboração de atividades, desconhecimento do manuseio de um computador, apego ao livro didático, elaboração material autoral.

Após concluirmos essa fase, uma técnica sugeriu a elaboração de planos de aulas que expressassem o que nós estávamos propondo, algo simples, porém significativo, que explorasse competências e habilidades, principalmente as socioemocionais.

Foram madrugadas e mais madrugadas. Em uma semana tínhamos um plano quinzenal para as turmas do 1º ao 5º, postamos no grupo e foi um sucesso. Foi aí que a equipe começou a vencer as resistências, já não éramos a equipe que estava ali para fiscalizar e cobrar trabalho, agora nós éramos os parceiros, os colegas, todos de mãos dadas em um projeto único.

Técnico 4: Para além dos problemas internos, os que mais me inquietaram foram os externos, aqueles aos quais nós não tínhamos como chegar perto, para conversar e buscar a sensibilização, estavam além de nosso alcance e até mesmo de nossa compreensão. Nestes incluo o acesso à tecnologia, às vezes o estudante ou responsável tinha o celular, mas não tinha internet, quando tinha os dois, não tinha participação ou tempo para auxiliar a criança. Isso era angustiante, pois tínhamos a compreensão de que ninguém deveria ficar de fora do processo. Foi aí que compreendemos que não tínhamos como atingir 100% do alunado, isso não acontece nem no ensino tradicional. Focamos no que estava dando certo, e persistimos em buscar quem ainda estava fora. Decidimos, então, viver uma semana por vez. Toda semana nos reuníamos com os responsáveis pelas escolas, escutávamos, sugeríamos e juntos recalculávamos





a rota, o percurso começou a ficar mais fácil e até mesmo prazeroso.

Ponto de consenso entre os técnicos é montar uma estratégia que seja exequível, que atinja o maior número de estudantes, pautado na realidade das escolas municipais, planejar isso coletivamente, na base do consenso. Isso foi muito importante para envolver a todos antes das atividades chegarem até os alunos, “ [...]sempre que se buscam determinados fins, relacionam-se alguns meios necessários para atingi-los. Isto de certa forma é planejamento” (DALMÁS, 1994, P. 23). Assim, entendemos que, para que haja planejamento são necessárias ações organizadas entre si, que correspondem ao desejo de alcançar resultados satisfatórios em relação aos objetivos traçados. Esse planejamento envolve a motivação das equipes escolares em participarem e mobilizarem os estudantes a se engajarem no ensino não presencial.

Outro fator apontado como desafiados no início do regime especial de ensino, foi o acesso dos estudantes e suas famílias a equipamentos eletrônicos e à rede mundial de computadores, muitos deles pela situação econômica onde estão inseridas as escolas municipais de Bayeux – PB.

Um desafio apontado pelos técnicos da secretaria de educação, é a adaptação dos professores, frente à nova realidade. De repente, não mais que de repente, os professores são chamados a realizar seus trabalhos de uma forma totalmente inédita. Muitos desses professores não dominam a tecnologia e não têm à sua disposição equipamento eletrônico necessário (computadores, notebooks, celulares). Vivemos na era da tecnologia, essa máxima parece valer do portão da escola para fora, pois na realidade:

não basta ter acesso ao computador conectado à internet. É preciso, além de ter acesso aos meios digitais e sua infraestrutura, vivenciar a cultura digital com autoria criadora e cidadã. Saber buscar e tratar a informação em rede, transformar informação em conhecimento, comunicar-se em rede, produzir textos em várias linguagens e suportes são saberes fundamentais para a integração e autoria na cibercultura. (SANTOS, 2014, p.83)





Para além dos desafios tecnológicos, surge outra questão crucial, apontada na fala dos técnicos entrevistados. Para o sucesso dessa empreitada entre ambiente real e virtual, torna-se fundamental que o professor estabeleça vínculos com os alunos para que as atividades não presenciais, funcionem de maneira efetiva, com diálogo, empatia, cooperação e colaboração. É o que podemos chamar de “Estar Junto Virtualmente”, pois sabemos que:

A docência não é um trabalho cujo objeto é constituído de matéria inerte ou de símbolos, mas de relações humanas com pessoas capazes de iniciativa e dotadas de uma certa capacidade de resistir ou de participar da ação dos professores. (TARDIF; LESSARD, 2008, p.35).

No que diz respeito à realização das atividades não presenciais, o maior problema narrado pelos entrevistados é o acesso dos estudantes, por meio eletrônico, às atividades ofertadas pelas escolas.

No que se refere ao acesso à internet, no Brasil, dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram, 126,9 milhões de brasileiros acessam regularmente a internet, aproximadamente 70% da população brasileira. A pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic), referentes a informações do ano de 2018, mostra que cerca de 46,5 milhões de domicílios têm acesso a internet no Brasil, ou seja, 67% de todas as casas no país têm acesso à rede. Realidade condizente com a do município de Bayeux – PB.

Assim, os primeiros resultados da Rede Municipal de Ensino de Bayeux – PB, de 05 de maio de 2020 a 05 de junho de 2020, podemos considerar como positivos, mesmo diante de tantas dificuldades de toda ordem, 58% dos estudantes conseguem ter participação ativa das atividades virtualmente. Diante dos esforços dos profissionais da educação, 31,5% participam do ensino remoto por meio de atividades impressas e ainda 10,5% não tem participação alguma no processo, ficam a margem por fatores diversos (BAYEUX, 2020).





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos especificamente o processo de ensino remoto no Município de Bayeux – PB, chegamos a algumas conclusões relevantes. Dentre elas, pode se observar que as questões sociais, econômicas e culturais dos alunos, também influenciam diretamente na participação das atividades não presenciais, seja pela ausência de tecnologia, seja pela falta de interesse ou apoio dos pais ou responsáveis que não têm preparação pedagógica para acompanhar o desempenho educacional dos pupilos. Acarretando profundas consequências na aprendizagem dos estudantes, com prejuízos incalculáveis na vida escolar.

Assim, com a ausência do poder público no fomento de acesso à tecnologia (*hardware ou software*), a população, como a de Bayeux – PB, de baixa e até mesmo em vulnerabilidade social, os efeitos da pandemia apenas realçaram uma realidade de há muito já existente.

Diante do averiguado, fortalece-se a nossa crença de que a escola, como instituição social, tem um papel fundamental na vida da sociedade, principalmente agora diante desta pandemia. Ela deve oferecer opções que ajudem os estudantes a compreenderem o momento que estão vivendo, ressignificando os espaços de aprendizagens e a vida em sociedade.

A nossa análise é preliminar, pois ainda estamos no pico da pandemia no Brasil. Na realidade, nosso estudo fomentou mais perguntas e questionamentos. O cenário é de incertezas e insegurança para qualquer afirmação.

REFERÊNCIAS

- BAYEUX, S. M. E. (10 de abril de 2020). **Plano De Trabalho - Atividades Não Presenciais** - 2020. Documento. Bayeux, Paraíba, Brasil.
- DALMÁS, Ângelo. **Planejamento Participativo na Escola**: elaboração, acompanhamento e avaliação. 12. ed. Petrópolis, Vozes, 1994.





LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, EPU, 1986.

MEC/INEP- **Censo da Educação Superior 2018** – Pesquisa “O que os jovens brasileiros pensam sobre Ciência e Tecnologia?” (2019) – INCT (www.inct.cnpq.br)

– (<http://portal.inep.gov.br/censo-da-educacao-superior>)

Pesquisa TIC Educação 2018 – **Centro Regional de Estudos para Desenvolvimento da Sociedade da Informação** (<https://cetic.br/pesquisa/educacao/>) V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES – 2018 (<http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioecon%C3%B4mico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>)

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Santo Tirso: White Books, 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo, Cortez, 2007.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro, Quartet, 2003.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis, Vozes, 2008.





A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO: relato sobre a oferta de cursos por meio da EaD¹

Jefferson Luis da Silva Cardoso

Raira Karolina Lima Marinho

Resumo

O presente estudo segue os caminhos de um relato de experiência a partir do olhar dos alunos de graduação de uma Universidade Federal com campus no interior do Estado do Pará, que compartilharam de cursos de extensão na modalidade Educação a Distância - EaD. O problema emergiu do encontro da extensão com o formato EaD. O objetivo foi refletir sobre a extensão universitária na oferta de cursos, minicursos e palestras, voltados para o universo acadêmico. Como guisa metodológica usou-se da pesquisa bibliográfica e documental prévia na concepção de Severino (2007) para elaboração dos cursos e produção do material didático de apoio ao aluno. A coleta das informações usou o formulário *on-line* segundo Marconi; Lakatos (2010); já para a análise dos indícios coletados sobre as impressões dos alunos nos cursos, seguiram-se os preceitos de Pádua (2000) e Minayo (2009; 2014) sobre a análise interpretativa hermenêutica. Os achados iniciais deste estudo apontam para as seguintes situações: parte significativa manuseia os equipamentos tecnológicos para estudo; a maioria deles não têm dificuldades para estudar no formato EaD, e por fim, os cursos de extensão EaD contribuíram no contexto da pandemia de forma decisiva, no processo contínuo de seus aprendizados, tanto na vida acadêmica, quanto na profissional.

Palavras-chave: Ensino remoto. Educação a Distância. Extensão Universitária. Formação Profissional.

¹ Estudo vinculado ao Projeto de Pesquisa Formação de professores, trabalho docente e didática: debates contemporâneos – Universidade Federal Rural da Amazônia – Campus Tomé-Açu/PA.





1. Introdução

O mundo universitário tem exigido cada vez mais de todos os seus envolvidos, os professores que possuem em suas atribuições o ensino, a pesquisa e a extensão como atividades básicas, e os alunos como partícipes ativos nos processos de elaboração, construção e evolução de seus conhecimentos. Ambos, na trilha do saber partilhado no dia a dia dos corredores das instituições de ensino Brasil afora, viram-se diante de uma situação pouco esperada logo no início do ano letivo de 2020 – o contexto da pandemia Covid-19, Coronavírus como disseminado socialmente.

Assim, esse trabalho em forma de relato de experiência, traz indícios de como a extensão universitária diante do contexto da pandemia, utiliza-se da EaD como forma de permanecer em constante construção e valorização do conhecimento acadêmico. Tem como objetivo geral refletir sobre a extensão universitária por meio da oferta de cursos, minicursos e palestras, voltados para o universo acadêmico.

Caminhou metodologicamente, por meio da pesquisa bibliográfica e documental na concepção de Severino (2007) para elaboração dos cursos e produção do material didático de apoio ao aluno. A coleta das informações usou o formulário *on-line* segundo Marconi; Lakatos (2010) junto aos 624 (seiscentos e vinte e quatro) alunos participantes da Extensão EaD; já para a análise dos indícios coletados sobre as impressões dos alunos nos cursos, seguiram-se os preceitos de Pádua (2000) e Minayo (2009; 2014) sobre a análise interpretativa hermenêutica.

Os achados iniciais apontam para as seguintes situações: parte significativa dos alunos manuseiam os equipamentos tecnológicos para estudo; a maioria deles não tem dificuldades para estudar no formato EaD; e por fim, que os cursos de extensão EaD contribuíram decisivamente para o processo contínuo de seus aprendizados, tanto na vida acadêmica, quanto na profissional.





2. Contexto e realidade investigada

A sociedade mundial se viu já no final dos anos 2019 e início do ano subsequente, diante de um impacto histórico – a incidência da contaminação de pessoas por coronavírus (SARS-CoV-2) causador da Covid-19 e, sua capacidade de dispersão por diversas partes do mundo causou grande preocupação, haja vista sua rápida disseminação e as consequências posteriores trazidas pelo acontecimento, já pontuam os estudos de Freitas; Napimoga e Donalisio (2020). Os autores objetivaram alertar a sociedade sobre o momento atual como preocupante, desafiador e que acima de tudo, demanda por ações dos governos mundiais nos setores da saúde, no social e na área econômica, nesta ordem.

No mês de Março de 2020, o fato toma proporções alarmantes na medida em que os caso de contaminação e até óbitos, começam a disparar pelo mundo. Nesse momento, o estado de pandemia foi instalado. Em estudo realizado por Rezende (1998) a palavra pandemia

[...] de origem grega, formada com o prefixo neutro *pan* e *demos*, povo, foi pela primeira vez empregada por Platão, em seu livro Das Leis. Platão usou-a no sentido genérico, referindo-se a qualquer acontecimento capaz de alcançar toda a população. No mesmo sentido foi também utilizada por Aristóteles. Galeno utilizou o adjetivo pandêmico em relação a doenças epidêmicas de grande difusão. (p. 154, grifos do autor).

O autor ainda continua sobre o processo de inserção do termo nos preceitos médicos de forma mundial, e assim explica:

A incorporação definitiva do termo pandemia ao glossário médico firmou-se a partir do século XVIII, encontrando-se o seu registro em francês no *Dictionnaire universel français et latin*, de Trévoux, de





1771. Em português foi o vocábulo dicionarizado como termo médico por Domingos Vieira, em 1873. (*Ibidem.* grifos do autor.)

Diante desse cenário, o isolamento social foi proposto como uma das muitas medidas utilizadas para amenizar a contaminação em larga escala, como propaga a pandemia anteriormente citada. Assim, o Brasil em especial viu-se diante de um desafio em todos os seus setores, no caso o educacional precisou se redirecionar no sentido de “continuar” suas atividades. Importante saber que o isolamento social possui duas vertentes: 1) a voluntária motivada por uma questão individual de distanciamento; e 2) o involuntário, que é imposto pelo Estado por motivos graves, como a questão sanitária do Covid-19, adverte Porfírio (2020), sobre as diferenças e a realidade que hoje vivemos.

No sentido de “continuar”, a educação não teve alternativa senão migrar para EaD. A educação básica, principalmente a pública, não obteve grande sucesso o que não é surpresa, pois as escolas dos Estados e Municípios não possuem estrutura adequada para oferta de suas modalidades de ensino no formato EaD. Soma-se a isso, o fato de que o alunado da educação pública e básica no Brasil ser majoritariamente das classes menos favorecidas, sem acesso a internet de boa qualidade e nem equipamentos em casa que permitam permanecer estudando. Para Staa (2019):

A experiência de incluir EAD na Educação Básica, no entanto, é bem pequena, e praticamente *inexistente no ensino curricular*. Levando em conta que a Educação Básica é obrigatória que, em sua maioria, é oferecida por escolas públicas no país, e que deve promover a equidade, há algumas considerações a serem feitas ao comparar as expectativas que parecem existir para a Educação Básica e as práticas vigentes desta modalidade no Ensino Superior no país, que já está consolidada como opção de formação para adultos (2019, p. 16 grifo nosso).





Já o Ensino Superior, como relata a autora, caminha cada vez mais para a diversificação agora, dos cursos de graduação presencial em distribuir parte de suas atividades na plataforma EaD, uma vez que cursos de formação continuada seja de curta e média duração, ou até mesmo *Lato Sensu*, já figuram os cenários da EaD no Brasil. Desse modo, o ensino remoto foi acionado como forma de continuar o processo de ensino e aprendizagem nas universidades do país. Para Garcia et al (2020, p. 03):

O ensino remoto permite o uso de plataformas já disponíveis e abertas para outros fins, que não sejam estritamente os educacionais, assim como a inserção de ferramentas auxiliares e a introdução de práticas inovadoras. A variabilidade dos recursos e das estratégias bem como das práticas é definida a partir da familiaridade e da habilidade do professor em adotar tais recursos.

A autora ainda completa que:

Ensinar remotamente permite o compartilhamento de conteúdos escolares em aulas organizadas por meio de perfis [ambientes controlados por *login* e senha] criados em plataformas de ensino, como, por exemplo, SIGAA e MOODLE, aplicativos *como Hangouts, Meet, Zoom* ou redes sociais. (GARCIA et al, 2020, p. 03).

O impacto dessa nova realidade, estendeu-se também, para a extensão universitária. Muitas instituições de ensino migraram suas atividades, agora intermediadas pela EaD, para o desenvolvimento no ensino remoto, em suas mais variadas formas e expressões. O caso aqui relatado, faz alusão a cursos de curta duração ofertados por uma Universidade Federal, com campus no





interior do Estado do Pará, que trabalhado cientificamente, tornou possível os resultados que apresentamos no presente estudo.

3. Diagnóstico da situação-problema e/ou oportunidade

O presente relato destaca a necessidade das Universidades Públicas Federais do Brasil manter seus núcleos ou departamentos de Educação a Distância em constante atividade, na medida em que os cenários relacionados a esta modalidade têm se consolidado no país nos últimos anos. Nesse contexto, estar preparado para o desenvolvimento e uso adequado da tecnologia voltada para o ensino e a aprendizagem dos alunos é fundamental para o êxito das atividades acadêmicas.

Diante da realidade imposta pela pandemia, as Universidades Públicas Federais necessitaram realinhar suas estratégias, haja vista a suspensão das atividades presenciais em todo país. Assim, com o ensino, como uma das vertentes acadêmicas suspenso, restou para a pesquisa e extensão fortalecerem suas práticas na EaD. Desse modo, partimos da problemática que identificou certa “dificuldade” dos acadêmicos no encontro com a extensão universitária no formato EaD.

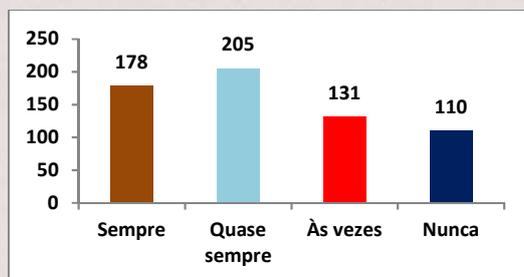
Foram ofertados 12 (doze) cursos de curta duração na plataforma do *Facebook* e do *Google Forms* para realização das atividades aprendizagem dos alunos. No total, 624 alunos participaram ativamente dos cursos e forneceram subsídios necessários às reflexões que fazemos neste estudo, cujos resultados são apresentados na seção que segue.





4. Análise da situação-problema e propostas de inovação ou intervenção ou recomendação

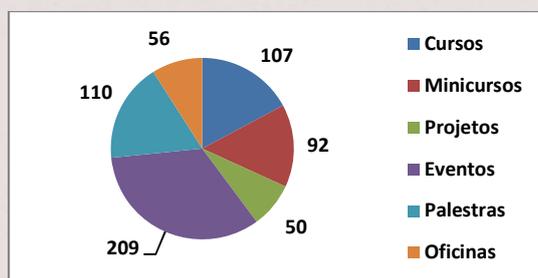
Gráfico 01. Você costuma acessar sites para realizar cursos de formação continuada.



Fonte: pesquisa com formulário on-line dos autores (2020)

No que diz respeito à atualização dos conhecimentos, participação em atividades acadêmicas na modalidade *on-line*, mais da metade dos alunos assinalaram que acessam conteúdos de formação continuada, nem que seja “às vezes”. Impressionou-nos o número de alunos que marcaram “Nunca”, pois se infere que usam a *web* para outras finalidades que não seja de formação acadêmico-profissional. Na opinião de Cortelazzo, (2000) é importante observar que o conhecimento encontra-se disperso nos meios de comunicação de massa e fazendo uso da tecnologia existente, cabe ordená-lo no sentido de contribuir em sua formação pessoal.

Gráfico 02. Quanto à extensão nesse período de pandemia, de qual atividade você tem participado na EaD com frequência.

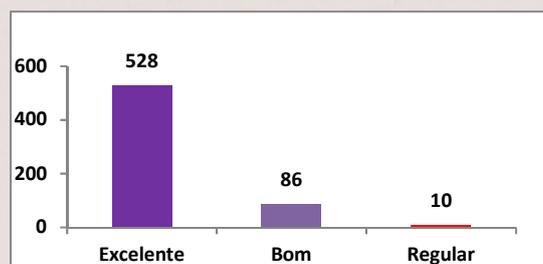


Fonte: pesquisa com formulário *on-line* dos autores (2020)



O gráfico em questão demonstra o alcance das atividades de extensão universitária que podem e devem ser exploradas pelas universidades. Houve em verdade uma explosão de eventos na modalidade EaD, seguidos de cursos e palestras, o que justifica a marcação dos respondentes. É interessante perceber a aceitação dos vários modelos que a extensão universitária pode alcançar com a EaD, valorizar o povoar o espaço da *web* com atividades acadêmico-científicas tem sido bastante comum na pandemia, o que pode indicar sua massificação no pós-pandemia, até por que ela contribui para que o aluno seja “mais atuante, mais autônomo, mais crítico, mais participativo e disposto a aprender continuamente” (SARTORI & ROESLER, 2005, p.15).

Gráfico 03. Qual a sua percepção sobre os cursos de extensão EaD que ofertamos.



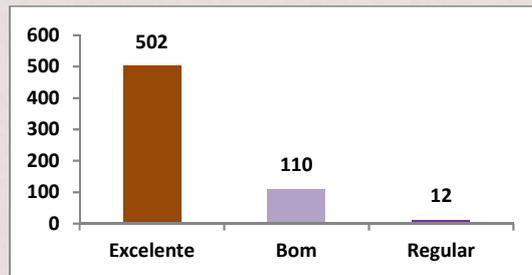
Fonte: pesquisa com formulário on-line dos autores (2020)

A comunicação, organização, o desenvolvimento, a plataforma escolhida e os materiais utilizados nos cursos da modalidade EaD podem ser decisivos para aceitação ou não dos participantes. Em nosso caso, como demonstra a maioria expressiva que assinalou “Excelente” no gráfico 03, obtivemos êxito na promoção dos cursos. Contudo, registramos uma minoria que se sentiu insatisfeita com o curso. Nas observações de Garcial et al (2020, p. 11) “O interesse do aluno é um aspecto desafiador para o ensino remoto, pois significa tornar a ambiência da apresentação das aulas tão ou mais atrativa do que aquilo que aluno encontrar disponível na rede de comunicação aberta.” Assim,



conhecer e manusear com segurança a tecnologia disponível minimiza a incerteza de seu uso, e valoriza a participação junto a EaD.

Gráfico 04. Em relação aos materiais utilizados nos cursos de extensão EaD (textos, vídeos, etc), qual a sua impressão?

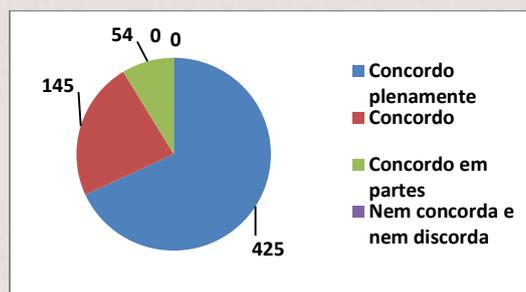


Fonte: pesquisa com formulário on-line dos autores (2020)

Destacamos aqui, os materiais utilizados nos cursos: textos, videoaula, vídeos de apoio, indicações de *sites* e outros. A maioria expressiva assinalou como “Excelente”, o que muito nos anima, pois a elaboração dos cursos parte de um estudo prévio sobre como produzir as aulas, os materiais didáticos e como trabalhar na modalidade EaD², na premissa de que o aluno se familiariza com o conteúdo e aplica na realidade (MOORE; KEARSLY, 2007).

Gráfico 05. "O curso de extensão EaD contribui para minha formação acadêmico-profissional".

Qual sua percepção sobre essa afirmação?



² **Nota:** A universidade em que atuamos proporcionou no mês de maio do ano corrente, um curso de formação continuada docente para atuar na EaD (120h), o que nos tranquilizou quanto ao trabalho com a tecnologia e os mecanismos usados para o favorecimento de uma aprendizagem significativa via *web* no contexto do ensino remoto.



Fonte: pesquisa com formulário on-line dos autores (2020)

Por último, avaliamos a contribuição dos cursos na formação acadêmico–profissional dos alunos. A maioria acredita que o curso possa fazer a diferença em suas vidas na universidade e posteriormente no mundo do trabalho, pois as informações contidas nos cursos contribuem para compreensão do conteúdo, atribuem relevância para a aprendizagem dos sujeitos e deixando-os abertos a novos saberes profissionais (BONNEL, 2008).

5. Considerações finais e contribuição tecnológica/social

O presente relato de experiência abordou a temática da Educação a Distância atrelada à Extensão Universitária. O ano de 2020 fica marcado para a história da humanidade como período em que o isolamento social em virtude da pandemia Covid-19, foi necessário para o controle e o bloqueio da disseminação da doença. Nessa linha, acreditamos que a extensão universitária na pós-pandemia se reformulará, uma vez que os resultados que as instituições públicas federais colhem dão subsídios suficientes para o fortalecimento da promoção de eventos, cursos, minicursos e palestras na realidade das “lives” muito comentadas na atualidade.

A respeito dos nossos resultados advertimos sobre a popularização da EaD como fonte de conhecimento e difusão do ensino no Brasil. Ademais, os resultados apontam que os alunos manuseiam os equipamentos tecnológicos para estudo; a maioria deles não tem dificuldades para estudar no formato EaD; e por fim, que os cursos de extensão EaD contribuíram no contexto da pandemia de forma decisiva, no processo contínuo de seus aprendizados, tanto na vida acadêmica, quanto na profissional.





REFERÊNCIAS

CORTELAZZO, I. **Colaboração, Trabalho em Equipe e Novas Tecnologias em cursos de Pós-Graduação**. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FE-USP, 2000.

BONNEL, W. **Melhorar o *feedback* dos alunos em cursos online**. Perspectivas de educação em enfermagem: vol. 29, n. 5, 2008. [traduzido]

FREITAS, A. R. R.; NAPIMOGA, M.; DONALISIO, M. R. **Análise da gravidade da pandemia de Covid-19**. Artigo de Opinião. Revista Epidemiol. Serv. Saude, Brasília, 29(2):e2020119, 2020.

GARCIA, T. C. M. **Ensino Remoto Emergencial: proposta de design para organização de aulas**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. RN: Natal, Ed. Sedis. 2020.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MINAYO, M. C. de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: Desalndes, S. F. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 28.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14.ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOORE, M.; KEARSLEY, G. O ensino e os papéis do instrutor. In: **Educação a distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thompson Learning, 2007, pp. 147-172

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 6ª ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

REZENDE, J. M de. **Epidemia, Endemia, Pandemia. Epidemiologia**. Revista de Patologia Tropical, Vol. 27(1): 153-155.jan-jun. 1998.

SARTORI, A. S.; ROESLER, J. Educação a distância: tendências atuais. In: _____. **Educação superior a distância**. Gestão da aprendizagem e da produção de materiais didáticos impressos e on-line. Tubarão: Unisul, 2005.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

STAA, B. V. **Primeiro levantamento de EAD e Tecnologia Educacional na Educação Básica, realizado pelo Censo EAD**. BR. 2019. Disponível em: [http://abed.org.br/censoead2018/Censo Educacao Basica 2018-2019.pdf](http://abed.org.br/censoead2018/Censo_Educacao_Basica_2018-2019.pdf), acesso em: 07 mai. 2020.



DESAFIOS DO ENSINO REMOTO NA REDE MUNICIPAL DE PRAIA GRANDE

Marta Maria da Silva
Abigail Malavasi

RESUMO

Esse relato científico é resultado da implantação do Ensino Remoto, Plataforma digital Educacional, no Município de Praia Grande e seus desafios diante da necessidade do isolamento social ocasionado em decorrência da Covid19. Tivemos o objetivo de manter um ensino de qualidade contemplando todos os alunos para diminuir o abismo social que a falta de acesso às novas tecnologias provocam e as dificuldades de aprendizagem.

Palavras - Chave: Ensino Remoto. Educação Básica. Tecnologia.





INTRODUÇÃO

E tudo aconteceu tão de repente, ninguém estava preparado, para a chegada da pandemia Covid19 e o isolamento social que se fez necessário. Daí a suspensão das aulas presenciais, situações novas que, mesmo os mais experientes, com vários anos na docência, nunca passaram por uma situação assim!

As escolas fecharam as portas e os professores entraram em recesso escolar, com início em 23/03/2020 e foi uma tensão enorme! Vários questionamentos e sugestões, vamos anotar a chuva de ideias para pensarmos o que poderia ser aplicado dentro da nossa realidade e que agregue facilitando o conhecimento e a aprendizagem.

A Secretaria de Educação tinha um curto prazo para pensar e planejar como fazer para não prejudicar os alunos e continuar as aulas remotamente. Falo de uma Rede Municipal com setenta e sete escolas e cinquenta e seis mil alunos, distribuídos entre Creche, Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos.

Foram convocadas todas as equipes técnicas para pensarmos em soluções para o grande desafio que estava surgindo bem no início do ano letivo e tínhamos que dar um retorno para a comunidade escolar e os profissionais da Rede Municipal.

Aguardamos o Decreto Estadual e fomos fazendo as adequações para a nossa realidade, pois tínhamos sugestão de como poderia acontecer o Ensino Remoto da Educação Básica. Segundo Paulo Freire:

“Ensinar inexiste sem o aprender e vice-versa e foi aprendido que socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível, depois preciso trabalhar maneiras, caminhos, métodos de





ensinar. De separar prática de teoria ,autoridade de liberdade, ignorância de saber, respeito ao professor de respeito aos alunos, ensinar de aprender, nenhum destes termos pode ser mecanicistamente separado um do outro .O que importa na formação,não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo,da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que ao ser educado,vai gerando coragem”.

O nosso universo com as setenta e sete escolas e diferentes realidades, cada comunidade tem seu perfil e sabíamos a vulnerabilidade social de algumas. Partindo desse conhecimento,sabíamos que teríamos grandes dificuldades ao acesso à tecnologia, entretanto tínhamos que garantir rotina de estudos, disponibilizar materiais pedagógicos em nosso site e vídeos, providenciar orientações para família e educação especial, para possibilitar momentos de aprendizagens aos alunos.

A atualização dos saberes dos agentes da educação, sendo eles gestores ou docentes, deve ser sempre em prol da qualidade educacional que, por sua vez, desencadeará ações que promovam excelência no que tange ao ensino e aprendizagem, que são coisas distintas. Segundo Francisco Imbernón:

“O conhecimento profissional consolidado mediante a formação permanente apóia-se tanto na aquisição de conhecimentos teóricos e de competências de processamento da informação, análise e reflexão crítica em, sobre e durante a ação , o diagnóstico, a decisão racional, a avaliação de processos e a reformulação de projetos.”³

A partir de 22 de abril de 2020, foram disponibilizadas as atividades na Plataforma Digital Educacional no site www.cidadaopg.sp.gov.br para todos os níveis atendidos pela Rede Municipal de Ensino de Praia Grande. Todo o

³ (IMBERNÓN, 2010, p.75).



material foi produzido e organizado pelos técnicos da Seduc, que trabalharam para superar os desafios e criar uma alternativa para diminuir os impactos provocados por essa nova situação. Tudo foi pensado e produzido com muito profissionalismo e direcionado para nossa comunidade escolar. Segundo Sacristán:

“A prática é entendida como a atividade dirigida a fins conscientes, como ação transformadora de uma realidade; como atividade social historicamente condicionada, dirigida à transformação do mundo; como a razão que fundamenta nossos conhecimentos. A prática pedagógica, entendida como uma práxis envolve a dialética entre o conhecimento e a ação com o objetivo de conseguir um fim, buscando uma transformação cuja capacidade de mudar o mundo reside na possibilidade de transformar os outros.”⁴

OBJETIVO

Implementar Ensino Remoto na Educação Básica da Rede Pública Municipal e não deixar ninguém excluído, apesar das diferenças e vulnerabilidades sociais que permeiam a comunidade escolar.

CONTEXTO E REALIDADE INVESTIGADA

Foram disponibilizadas, várias alternativas de comunicação digital com os alunos e responsáveis, como sites, paginas do Facebook, Blogs, ou grupos de Whatsapp, googles classroom, vídeo chamadas com pequenos grupos, cada escola escolheu o que ia utilizar após discussão com o corpo docente, pois nesses espaços os professores eram os mediadores do conhecimento e sanariam as dúvidas para realização das atividades, bem como complementariam as propostas de acordo com o perfil de cada turma.

⁴ Sacristán 1999, pagina 28



Sugerimos que o aluno reservasse um período do dia para realização das atividades, não há necessidade de imprimi-las, os arquivos estavam em PDF para download, todas eram feitas *on-line* ou no próprio caderno do aluno e identificadas por data, número da atividade e disciplina, de acordo com a solicitação

Com intuito de incentivar o hábito de leitura e interpretação de textos, os alunos tiveram acesso a livros ou textos literários, em pdf ou em links, para ler e responder perguntas sobre eles. A plataforma foi organizada por ano, nível e modalidade de ensino, você encontra além das atividades educacionais, informações e orientações para ajudar na rotina da família.

Nesse momento de crise, estamos nos reinventando e descobrindo novas maneiras de enfrentar essa situação que afeta a todos, acreditamos que juntos, Secretaria Municipal de Educação, escolas e famílias, conseguiremos superar esse momento tão diferenciado com criatividade e sabedoria. De acordo com Pérez Gómez:

[...] é uma forma de praticar a crítica com o objetivo de provocar a emancipação das pessoas, quando descobrem que tanto o conhecimento quanto a prática educativa são construções sociais da realidade, que respondem a interesses políticos e econômicos contingentes a um espaço e a um tempo e que, portanto, podem mudar historicamente.⁵

Sabemos que o processo de aprendizagem é único e diferente para cada ser humano, e que as pessoas não aprendem da mesma forma, no mesmo ritmo e ao mesmo tempo, porém temos que superar o desafio de implantar o Ensino Remoto e não deixar nem um aluno prejudicado por essa situação, vamos nos apoiar nas novas tecnologias que englobam uma concepção do processo

⁵ Pérez Gómez (1998, p. 372)



ensino-aprendizagem que considera a participação efetiva dos estudantes na construção de conhecimento, valorizando as diferentes formas de aprendizagem, que os estudantes podem ser envolvidos nesse processo, para que possam desenvolver a autonomia por meio de ações em que assumam uma postura realmente protagonista.

DIAGNOSTICO DA SITUAÇÃO PROBLEMA

Tivemos momentos de grandes dificuldades e os alunos demonstravam que:

- Estavam desmotivados para realizar as atividades;
- Os responsáveis perceberam a dificuldade que é para ensinar os seus filhos;
 - Perceberam que não há uma rotina de estudos autônoma e era necessário estar junto para orientar;
 - Várias situações de luto e desemprego;
 - A necessidade de adequar as atividades para os alunos com mais dificuldade de aprendizagem;
 - Alunos que não tem acesso à tecnologia;
 - Professores que não tem domínio das novas tecnologias e necessitam utilizar para desenvolver sua atividade laboral.

Como essa situação estendeu-se mais que o esperado, e após pesquisa com os profissionais e responsáveis, chegou-se ao consenso que não retornaríamos este ano de 2020 ao ensino presencial. Imbernóm (2010, p. 85) aponta para:

[...] a formação centrada na escola envolve estratégias empregadas conjuntamente pelos formadores e pelos professores para dirigir os





programas de formação de modo que respondam às necessidades definidas da escola e para elevar a qualidade do ensino e da aprendizagem em sala de aula e nas escolas.⁶

Cada escola reuniu professores e equipe técnica para pensar soluções para as maiores dificuldades em um estudo permanente dando atenção a esse novo contexto, compromisso com a atualidade vivida e as necessidades de mudanças na forma de ensinar, em suma, tudo aquilo que norteia e orienta as ações educacionais de modo a permitir que alterações pontuais sejam realizadas quando e se necessário para contemplar as necessidades de aprendizagem dos nossos alunos. Pérez Gómez (1998, p. 371) coloca que:

[...] o profissional docente deverá refletir sobre as normas, crenças e apreciações tácitas subjacentes que minam os processos de valorização e julgamento, sobre as estratégias e teorias implícitas que determinam uma forma concreta de comportamento, sobre os sentimentos provocados por uma situação e que condicionaram a opção de um determinado curso de ação, sobre a maneira com que se define e estabelece o problema e sobre o papel que ele mesmo desempenha como profissional dentro do contexto institucional, escolar, em que atua.⁷

Tratam-se, portanto, de ações que irão requisitar análise crítica, pois sabemos que a prática se faz e se refaz, de acordo com as necessidades educacionais.

O professor teve um aumento de atribuições, tendo em vista que teve de mapear as dificuldades enfrentadas pelos estudantes em relação ao acesso, rotinas de estudos e motivação deles e dos familiares.

⁶ Imbernóm (2010, p. 85)

⁷ Pérez Gómez (1998, p. 371)





ANALISE DA SITUAÇÃO PROBLEMA E PROPOSTA DE INOVAÇÃO

Após o mapeamento dos nossos alunos com dificuldades de acesso, houve uma força tarefa na unidade escolar para fazer contato com as famílias para virem buscar as atividades impressas.

Os professores pensaram em um plantão de dúvidas com o revezamento de professores com horário estendido para esclarecer as dúvidas dos alunos, pois alguns alunos tem apenas um celular e vários irmãos para utilizá-lo.

As situações de luto e desemprego também são passadas para Equipe Técnica que faz contato com essas famílias e acolhimento com o aluno, ofertando o kit alimentação distribuído para quem solicitasse na unidade escolar.

Percebemos a necessidade de fazer avaliação de forma diferenciada, pois os alunos que acessam as plataformas digitais e interagem nas atividades devem ser levados em conta.

Foram trabalhadas as competências socioemocionais com mais efetividade no Ensino Remoto, acredito que houve necessidade por conta desse momento difícil que nossa sociedade que está atravessando. É um momento de pandemia que permite o protagonismo dos nossos alunos e gera ações que já estavam preconizadas na Base Nacional Comum Curricular.

Aconteceu uma união maior do corpo docente, quem tinha mais conhecimento das novas tecnologias, compartilhava o conhecimento com os outros, através de tutoriais ou mesmo mensagens no privado.

São várias planilhas para se ter tudo documentado sobre esse ano tão atípico, muito diferenciado no campo educacional, elaboradas também para facilitar na hora de avaliar o nosso aluno.





CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONTRIBUIÇÃO TECNOLÓGICA/SOCIAL

A educação necessita de mudanças urgentes, nesta forma cristalizada e tradicional de ensinar, as novas tecnologias devem fazer parte da rotina escolar, e deve existir a formação permanente em tecnologia para os professores e gestores.

As desigualdades sociais ficaram em evidência, pois alguns alunos, não têm acesso à tecnologia, deixando de utilizar várias estratégias de aprendizagem que foram disponibilizadas.

Houve atualização dos saberes para toda comunidade escolar, tudo sempre em prol da qualidade educacional que, por sua vez, vai desencadear ações que promovam excelência no que tange ao ensino e aprendizagem, que são coisas distintas.

Em ambos os casos, há a necessidade de muitos estudos, pesquisas, compartilhamento de experiências, leituras e grupos de estudo a serem implementados nas escolas ou realizados fora do âmbito educacional.

Não tínhamos um roteiro pronto, tudo foi construído conforme as demandas, que foram aparecendo, precisamos manter e aprimorar as experiências de sucesso no ensino.

Ficou claro para a sociedade que os professores são os especialistas das práticas didáticas, pedagogias e curriculares, os conteúdos e vivências não sofrerão prejuízo, pois o processo de aprendizagem é cíclico e a Educação Básica está planejada sobre ciclos de formação e não sobre anos, portanto passível de recuperação para o próximo ano.

REFERÊNCIAS

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR foi homologada pelo Ministério da Educação. 20/12/2017- MEC disponível em





http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/RESOLUCAOCNE_CP222DEDEZEMBRODE2017.pdf acesso em: 16 setembro 2020.

FREIRE, PAULO. **A Educação na Cidade. São Paulo.** Cortez, 1991, p. 58.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 15ª Ed. São Paulo. Paz e Terra, 2000, p. 22.

GIROUX, H. **Professores como intelectuais transformadores.** In: _____. Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

IMBERNÓN, FRANCISCO. **Formação Continuada de Professores.** Porto Alegre. Artmed, 2010.

IMBERNÓN, FRANCISCO. **Formação Permanente do Professorado: Novas tendências.** São Paulo. Cortez, 2009.

PÉREZ GÓMEZ, A.I. **O pensamento prático do professor – A formação do professor como prático reflexivo.** In: NÓVOA, A. (Org). Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p.93 – 114.

SACRISTÁN, J.G. **Poderes instáveis em educação.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ GÓMEZ, A.I.; **Compreender e transformar o ensino.** Artmed, 1998.





A TECNOLOGIA COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Angela Maria da Silva
Abigail Malavasi

RESUMO

O objetivo deste estudo é relatar como o desenvolvimento de mediação pedagógica, com auxílio da tecnologia, auxilia no processo de aquisição da leitura e escrita e as interações sociais diárias estabelecidas entre docente e discente, de um aluno de inclusão do Terceiro Ano do Ensino Fundamental em uma Escola da Rede Municipal de Praia Grande, o qual, ainda, não havia desenvolvido a leitura e escrita. Nesse trabalho mostro a minha prática e descrevo como as interações sociais diárias como afetividade e a emoção são aspectos importantes na alfabetização e a práxis do professor alfabetizador, bem como o uso da tecnologia como ferramenta auxiliar, diante de um quadro de pandemia mundial. Na busca por essas respostas, trabalhei metodologicamente com a pesquisa bibliográfica, baseadas nas contribuições de Moran (2012), Perrenoud (2000) e Silva (2010) e Soares (2004).

Palavras-chave: Afetividade, Alfabetização, Intervenção, Tecnologia





ABSTRACT

The objective of this study is to report how the development of pedagogical mediation, with the help of technology, helps in the process of acquisition of reading and writing and the daily social interactions established between teacher and student, of an inclusion student of the Third Year of Elementary Education in a School of the Municipal Network of Praia Grande, which, still, had not developed the reading and writing. I will show my practice and describe how daily social interactions such as affectivity and emotion were important aspects in literacy and the praxis of the literacy teacher, as well as the use of technology as an auxiliary tool in the face of a global pandemic scenario. In the search for these answers, I worked methodologically with bibliographic research, based on the contributions of Moran (2012), Perrenoud (2000) and Silva (2010) and Soares (2004).

Keywords: Affectivity, Literacy, Intervention, Technology.





INTRODUÇÃO

Esse relato surge a partir da minha inquietação, talvez o momento mais inusitado de toda a minha vida profissional.

Era final de março de 2020, quando o mundo assumiu uma pandemia mundial, impossibilitando todos de saírem de casa e, nesse momento, docentes precisaram se reinventar e continuar suas práticas pedagógicas a distância. E, assim, sem muitos questionamentos ou caminhos, surge o ensino remoto.

Esse momento, foi o mais desafiador de toda a minha prática pedagógica, visto que estava afastada da escola desde dezembro de 2019, em razão de ter sofrido um acidente. Assim, em 24 de abril, fui liberada para o trabalho pelo médico, com o mundo já vivendo um terrível e novo pesadelo: o de uma pandemia mundial, obrigando todos a cumprirem protocolos de saúde, bem como o isolamento social, ou seja, eu já não retornaria à sala de aula, fisicamente.

Nessa época, surge a ansiedade e questionamentos, pois, além desse novo cenário, eu estava muito tempo distante das salas. Lidaria com algo muito novo, pior, não sabia nem como começar, e teria de me reinventar, com a incumbência de continuar a mediar o ensino e apoiar os discentes, esses, que anteriormente eu nunca vira fisicamente. Destarte, sabia que tinha uma única aliada, a tecnologia. Debrucei-me nos estudos e consegui tê-la como parceira, já que teria de me apresentar a 25 alunos *on-line*, sem contato físico e teria de fazer o meu papel: o de ensinar.

Ainda havia mais um grande problema: teria de assumir minha sala, ou seja, uma professora sairia para eu entrar e isso já me causava constrangimento, pois diante desse quadro mundial assustador, meus alunos fragilizados pelas mudanças mundanas, ainda teriam de lidar com essa outra variante e eu teria de ser muito amável para conquistá-los.





Assim, diante desse cenário, totalmente novo, assumi. Fui muito bem recebida e comecei meu trabalho sem grandes problemas, pois já tinha a tecnologia como minha aliada e não deixei nada a desejar, somente a falta de contato físico.

Todos os dias, me reinventava, procurava várias formas de levar o aprendizado a aqueles alunos, já tão fragilizados emocionalmente, como vídeos, jogos, brincadeiras entre outros, para que me fizesse presente e ajudasse a evolução quanto à aprendizagem, sempre muito próxima, mesmo distante dos meus alunos.

Tudo estava indo muito bem, porém, em 15 de maio recebi um novo aluno, autista, não alfabético e que chegou ao 3º ano do Ensino Fundamental com problemas de aprendizagem, afetando suas capacidades de leitura e escrita.

O aluno já estava há 6 anos em uma mesma escola, particular, porém, mesmo com o apoio e ajuda da família, o discente não evoluía em relação à aprendizagem. Desse modo, devido a essa pandemia, a família optou por mudá-lo de escola, pois não conseguia ver o desenvolvimento do Lucas, mesmo com a família mediando os estudos em casa.

No primeiro momento, fiz contato com a família, pois queria saber e entender um pouco mais a história do Lucas. A mãe contou-me que estava receosa e preocupada com essa mudança, não sabia se estava fazendo o correto, se esse era o caminho, primeiro pelo fato de o Lucas ter a síndrome e ficar traumatizado com essa nova realidade e segundo, por ainda existir um preconceito por parte deles em relação à escola pública, porque tinham a preocupação de não estarmos preparados para receber uma criança autista.

Esses mitos foram descartados logo no primeiro contato comigo, pois mostrei a forma como trabalharia com o Lucas e fui muito apoiada.

Portanto, logo no início, fiz uma diagnóstica e percebi que o aluno se encontrava em processo inicial de alfabetização, leitura e escrita, não tinha



domínio da escrita, da leitura e dos números. Estava na hipótese de escrita pré-silábica e com enorme baixa autoestima, muito choroso, não queria participar de nada.

Após essa análise, sabia do desafio, mas não me importava, pois eu tinha a finalidade de sanar essa situação e assim atender esse ator que já havia completado o ciclo de alfabetização e ainda não apresenta domínio dos processos de leitura e escrita, indo de encontro da Meta 5 do Plano Nacional de Educação (PNE), que estabelece a obrigatoriedade de “Alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental”, já que essa etapa é a base para “garantir uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem durante toda a vida para todos” (Marco de Ação da Agenda de Educação 2030, da qual o Brasil é signatário).

Acredito que a responsabilidade pela alfabetização das crianças precisa ser acolhida por docentes, gestores e instituições formadoras como um imperativo ético indispensável à construção de uma educação efetivamente democrática e socialmente justa, que deva ter como eixo principal a formação continuada de professores alfabetizadores.

Destarte, utilizei uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico, tecnológico entre outros, possibilitando-me condições de investigar a minha própria prática de uma forma crítica e reflexiva.

Em vista disso, como professora do ensino fundamental I, senti-me desafiada a investigar o ocorrido no percurso formativo desse discente, dessa sala do 3.º Ano do Ensino fundamental, no Município de Praia Grande, diagnosticando e intervindo com Estratégias de Ensino e Aprendizagem em seu Processo de Alfabetização, utilizando diversas metodologias para atender as múltiplas inteligências, interferindo e modificando esse cenário, ajudando-o a caminhar em sua vida escolar e prosseguindo seu caminho com êxito.



Assim, no mês de setembro, Lucas já estava alfabetizado, feliz e gostando de participar de todas as atividades propostas. Criei vários jogos que fizeram o discente aprender com prazer.

CONTEXTO E REALIDADE INVESTIGADA

Em meio a uma pandemia mundial, no dia 15 de maio, recebi um novo aluno, autista, não alfabético e que chegou ao 3º ano do Ensino Fundamental com problemas de aprendizagem, afetando suas capacidades de leitura e escrita, e, embora já estivesse na escola 4 anos, ainda se encontrava em processo inicial de alfabetização, leitura e escrita. Ele não tinha nenhum domínio da escrita, estava na hipótese de escrita pré-silábica, sem conhecimento algum quanto à leitura e com enorme baixa autoestima, muito choroso, não querendo participar de nada, mesmo tendo uma família muito presente.

Eu teria de ajudar aquele aluno em todo o processo de ensino-aprendizagem e precisava entender a forma que ele pensava para que pudesse adentrar no seu mundo. Assim, logo que iniciei o meu trabalho, pude perceber que o Lucas estava com a autoestima muito em baixa, ou seja, não havia potencialidade ou não era valorizada, mostrada, ou, talvez, por ter o estigma de não aprendizagem, realmente não conseguia avançar, pois a escola somente pensava na parte pedagógica, esquecendo que nesse aspecto, para se ter progresso, é preciso acreditar, saber que é possível. Ele, a todo momento, dizia que não sabia nada, mas eu tinha a certeza da potencialidade do aluno e usei toda a minha afetividade para resgatar esse conhecimento.

A Afetividade, ao contrário do que pensa o senso comum, não é simplesmente o mesmo que amor, carinho, dizer sempre SIM, ou seja, sentimento apenas positivo, pois, segundo Wallon, o termo se refere à capacidade do ser humano de ser afetado positiva ou negativamente tanto por sensações internas como externas.





Acredito que tudo na vida tem dois pontos, o positivo e o negativo, assim, não poderia ser diferente nesses nesse momento histórico de isolamento social, em que se percebeu que precisou surgir uma pandemia para que as pessoas pudessem ter o olhar que se tem hodiernamente, ou seja, a discussão que se impõe de forma amiúde sobre a importância do aspecto socioemocional.

Para mim, nada é novo, pois sempre acreditei que para sentir a real dor, deva se colocar no lugar do seu par e assim ouvir e conhecer cada aluno e suas particularidades familiares, já que esse é o aspecto mais importante quando se pensa em aprendizagem.

Cada ser é único, cada situação de vida é atípica e cada um tem o seu próprio brilho, mas, muitas vezes, apagado, por causa do desânimo e da cobrança escolar, de que todos devam estar no mesmo patamar, como se fossem máquinas.

Assim, aceitei o desafio e iniciei um trabalho, desde do início com sugestões e propostas do Infantil I, pois tinha de reiniciar e, em poucos meses, retrocedendo todo o conteúdo, conversando, percebi a autoestima se elevando, e enxerguei um aluno mais participativo, adorando a escola, como deve ser. Retornei todo o conteúdo que tinha certeza de ele já ter visto e assim, em poucos meses percebi o grande avanço, pois apresentei ao discente esse novo mundo, com o meu brilho, porque era o meu brilho que deveria despertar o brilho daquela criança, essa que estava adormecida, mas eu tinha a certeza de, que resgataria.

Assim, a hipótese norteadora nasceu da necessidade de verificar os obstáculos no desenvolvimento do processo de alfabetização desse aluno, especificamente, dos 3ºC – do Ensino Fundamental I, de uma escola municipal de Praia Grande e a questão sobre a práxis docente que me despertou para pesquisar o percurso formativo dessa criança, diagnosticando e intervindo com Estratégias de Ensino e Aprendizagem no Processo de Alfabetização, utilizando diversas metodologias, inclusive a tecnologia.





DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO-PROBLEMA

A escola em que atribuí uma sala aceita um aluno, dia 15 de maio, egresso de escola particular, com laudo de autismo, com a hipótese de escrita pré-silábica, com dificuldades que não permitiram o avanço no processo de ensino-aprendizagem, com baixa autoestima e que não tinha interesse pela escola, em uma época de pandemia mundial, quando as pessoas deveriam cumprir um isolamento social, ou seja, teríamos de ter o trabalho de ensino remoto, utilizando a tecnologia como ferramenta, com o apoio da família do discente. Ou seja, uma nova realidade a ser vivida.

ANÁLISE DA SITUAÇÃO-PROBLEMA E PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO OU RECOMENDAÇÃO

O grande desafio seria o de compreender o Lucas, à distância, pois diante da pandemia mundial eu não teria o contato físico com o aluno e precisava entender a forma como ele compreendia, já que possuía um laudo de autismo, condição que afeta o desenvolvimento neurológico. Assim, tinha de conseguir esse laço, mesmo à distância e tinha como ferramenta e aliada a tecnologia.

Também precisava entender quais eram as dificuldades que não permitiram o avanço no processo de ensino-aprendizagem, elevar sua autoestima e fazê-lo ter interesse pela escola.

Assim, com a proposta de ensino-remoto, precisei, mesmo à distância, a partir das minhas práticas, críticas e reflexivas, conhecer os obstáculos e dificuldades que o aluno do 3. Ano C – Fundamental I, no Município de Praia Grande - enfrentou e que não permitiu que avançasse no processo de leitura e escrita.





Logo, pesquisei e verifiquei como o processo de mediação pedagógica auxiliaria no processo de aquisição da leitura e escrita e as interações sociais diárias estabelecidas entre docente e discente de um aluno de inclusão de terceiro ano do ensino fundamental que ainda não desenvolveu o processo de leitura e escrita. Precisei conhecer, levantar e compreender as dificuldades no processo de leitura e escrita trazidas do 1º e 2º ano pelo aluno de inclusão do 3º. C do Ensino Fundamental – de uma escola no Município de Praia Grande. Analisei as prováveis causas que levaram esse aluno dessa modalidade de ensino a chegar ao 3º ano do Ensino Fundamental com dificuldades de aprendizagem na escrita e leitura. Fiz intervenções no processo, a partir dos diagnósticos, com utilização de diversas metodologias para alavancar a aprendizagem do aluno em questão, utilizando a tecnologia como ferramenta pedagógica. Elaborei, durante minha prática, uma forma de trabalho que será fruto do caminho trilhado em relação ao enfrentamento das dificuldades de leitura e escrita dessas crianças atendidas por mim, enquanto professora do 3. Ano do Fundamental I, com possibilidades de solução dos problemas que geraram as dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita nas séries iniciais do ensino fundamental e apliquei uma metodologia visando compreender as formas diversas de ensino e suas possibilidades, alfabetizando pelas múltiplas capacidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONTRIBUIÇÃO TECNOLÓGICA/SOCIAL

A grande aprendizagem que ficou para mim, enquanto convivi com o Lucas, durante esses meses, foi a de que a tecnologia é uma ferramenta de inclusão e de ensino personalizado, e, certamente, não substituirá o professor, ao contrário, será uma aliada para uma educação de qualidade, personalizada e inclusiva, mas que ainda não é uma realidade para todos, tornando-se, dessa forma, um paradoxo, já que exclui os que não têm direito e acesso a ela.





Temos de visar uma educação de boa qualidade e espera-se que os envolvidos entendam que o ensino é um processo permanente de concepção de aprendizagem, requerendo múltiplos elementos. Percebe-se que as vantagens de se utilizar as tecnologias como ferramenta pedagógica é a de estimular os alunos, dinamizando conteúdo, e fomentar a autonomia e criatividade.

As desvantagens, contudo, podem surgir se não houver organização e capacitação dos profissionais envolvidos, assim formando alunos desestimulados, sem senso crítico

Há, ainda uma grande discussão em relação ao professor e à tecnologia e cabe registrar que o professor sempre será necessário e a tecnologia é uma ferramenta auxiliar no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Vieira :

Temos que cuidar do professor, porque todas essas mudanças só entram bem na escola se entrarem pelo professor, ele é a figura fundamental. Não há como substituir o professor. Ele é a tecnologia das tecnologias, deve se portar como tal. (VIEIRA, 2011, p. 134).

Moran (2012), a informatização está gerando uma explosão de saberes, precisamos rever o papel do professor nesse novo cenário, é preciso educar para a vida, para a significação, o aluno precisa encontrar sentido no que faz, cabe discutir o papel do computador, para o processo de aprendizagem e a do professor como educador permanente. A escola tem o papel de formar cidadãos conscientes, por isso é imprescindível que os professores acompanhem as mudanças, e segundo Perrenoud:

Formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e de imagens,



a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação (PERRENOUD, 2000, p, 128).

Ainda, segundo o autor (2012), o professor é mais importante do que nunca nesse processo de inclusão da internet na educação, pois ele precisa se aprimorar nessa tecnologia para introduzi-la na sala de aula, no seu dia a dia, da mesma forma que professor, um dia, introduziu o primeiro livro em uma escola e teve de começar a lidar de modo diferente com o conhecimento – sem deixar as outras tecnologias de comunicação de lado. Continuaremos a ensinar e a aprender pela palavra, pelo gesto, pela emoção, pela afetividade, pelos textos lidos e escritos, pela televisão, mas agora também pelo computador, pela informação em tempo real, pela tela em camadas, em janelas que vão se aprofundando as nossas vistas.

Hodiernamente, as crianças já nascem cercadas pela tecnologia, portanto é muito comum ver bebês com *tablets*, brincando com *smartphones*, entre outros.

Dessarte, não há como não levar a tecnologia para as salas de aulas, já que hoje o mundo é tecnológico e lidamos com os nativos digitais. Até a linguagem mudou, utilizam-se jargões tecnológicos diariamente e se o professor não se atualizar, possivelmente nem conseguirá compreender seu aluno.

Percebe-se que antes de a criança chegar à escola, ela já passou por processos de educação primordiais como o familiar e o da eletrônica. Dessa maneira:

A criança também é educada pela mídia, principalmente pela televisão. Aprende a informar-se, a conhecer - os outros, o mundo, a si mesmo - a sentir, a fantasiar, a relaxar, vendo, ouvindo, "tocando" as pessoas na tela, que lhe mostram como viver, ser feliz e infeliz, amar e odiar. A relação com a mídia eletrônica é prazerosa - ninguém obriga - é feita por meio da sedução, da emoção, da exploração sensorial, da narrativa – aprendemos vendo as histórias dos outros e as histórias que os outros nos contam. (MORAN, 2012. p.32).





As tecnologias se alteram velozmente, portanto, deve-se utilizar essas ferramentas tecnológicas no meio educacional, possibilitando promover um ensino de melhor qualidade. Entretanto, há um processo desafiador da quando se percebe as distintas realidades do nosso país, considerando que:

É preciso considerar que as tecnologias - sejam elas novas (como o computador e a Internet) ou velhas (como o giz e a lousa) condicionam os princípios, a organização e as práticas educativas e impõem profundas mudanças na maneira de organizar os conteúdos a serem ensinados, as formas como serão trabalhadas e acessadas as fontes de informação, e os modos, individuais e coletivos, como irão ocorrer as aprendizagens (SILVA, 2010, p.76).

Cabe salientar que muito há de se fazer em relação à tecnologia, cobrando políticas públicas eficazes, a fim de que todos tenham acesso a ela, pois, para Moran (2012, p.13); a educação fundamental é feita pela vida, pela reelaboração mental emocional das experiências pessoais, pela forma de viver, pelas atitudes básicas da vida e de nós mesmos'. Portanto, o uso das TIC na escola auxilia na promoção social da cultura, ao mesmo tempo que desenvolve um processo pessoal, envolvendo estilo e motivação, com mais oportunidades de interação e produção de saberes.

REFERÊNCIAS

- MORAN, José Manuel, MASSETTO, Marcos T., BEHRENS Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediações pedagógicas**. Campinas, SP. Papirus, 2012.
- MORATTI, Maria do Rosário L. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo: UNESP, 2000.
- PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.





- SILVA, Marco (2001). **Sala de aula interativa**: a educação presencial e a distância em sintonia com a era digital e com a cidadania. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. Anais do XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, Campo Grande: CBC, set. 2001.
- SOARES, M. B. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, Campinas, n. 25, p. 5-17, 2004.
- VIEIRA, Rosângela Souza. **O papel das tecnologias da informação e comunicação na educação**: um estudo sobre a percepção do professor/aluno. Formoso - BA: Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), 2011. v. 10, p.66-72.





CONSTRUINDO NOVAS PERSPECTIVAS NO ENSINO REMOTO

Danielle Ribeiro Santos⁸

Alberto Luiz Schneider⁹

RESUMO

Tenciono com este relato compartilhar uma experiência real de ensino com o uso da ferramenta google forms como recurso metodológico na elaboração de atividades avaliativas com a autocorreção de questões e acompanhamento da participação dos alunos e alunas nas aulas de Educação Física. Foi empregado o enfoque interpretativo proposto por Pérez Gómez (2000) e, como instrumento de coleta de dados, foi utilizado a planilha de resultados gerada pelo próprio google forms além de mensagens em forma de texto e áudios recebidas pelo WhatsApp. Fazem parte deste relato alunos, alunas e responsáveis pelos estudantes dos 5º anos de uma escola pública do município de Praia Grande - SP na qual leciono. O uso da ferramenta tem sido bem aceita pelos estudantes e seus responsáveis contribuindo para que alunos realizem as atividades com mais praticidade, para desburocratização das devolutivas, aumento da participação e otimização do tempo tanto dos discentes quanto da docente. Dessa forma, espero que este relato possa trazer contribuições para práticas educativas com a inserção das tecnologias sobre o processo de ensino aprendizagem e avaliativo.

Palavras- Chave: Educação Física, Ensino Remoto, Tecnologias na Educação, Avaliação.

⁸ Danielle Ribeiro Santos é mestra em Ensino pela Universidade Metropolitana de Santos - SP, profdanisantos@gmail.com;

⁹ Doutor em História pela Unicamp, com Pós-Doutorado no King's College London e no Departamento de História da USP - SP, alberto.ls@uol.com.br.





INTRODUÇÃO

O momento ímpar em que todos os setores da sociedade estão passando têm convocado a todos pela busca de novas possibilidades e perspectivas.

No âmbito da educação, o ensino remoto têm sido a alternativa encontrada para lidar com a necessidade de isolamento social e a manutenção da garantia de aprendizagem a todos os estudantes de modo que o uso de tecnologias tem sido fundamental na elaboração, compartilhamento e avaliação das atividades de ensino remoto.

Neste relato irei compartilhar uma experiência real de ensino que está sendo realizada em uma escola pública do município de Praia Grande com meus alunos e alunas das cinco turmas de 5º anos na disciplina de Educação Física.

A Educação Física, componente curricular obrigatório na educação básica, está inserida na área de linguagens. Desse modo, as práticas corporais, ou seja, as brincadeiras, ginásticas, danças, lutas, jogos, esportes, capoeira, são frutos da linguagem, são textos da cultura e precisam ser lidos, interpretados, (res)significados nas aulas do componente curricular. Logo, o ensino de Educação Física não deve ser limitado ao saber fazer, a execução motora, sendo perfeitamente possível ensinar e compartilhar conhecimentos de Educação Física por meio do ensino remoto.

A experiência aqui relatada versa sobre o uso da ferramenta google forms como recurso metodológico na elaboração de atividades avaliativas com a autocorreção de questões e acompanhamento da participação dos alunos e alunas nas aulas de Educação Física.

O enfoque interpretativo foi adotado como metodologia do processo de investigação. Segundo Pérez Gómez:





Dessa forma, inevitavelmente, a realidade investigada é condicionada em certa medida pela situação de investigação, pois reage ante o que investiga ou ante a própria situação experimental. De maneira similar, o experimentador é influenciado pelas reações da realidade estudada, pelo conhecimento que vai adquirindo, pelas relações que estabelece e pelos significados que compartilha (PÉREZ GÓMEZ, 2000, p. 103).

Para a coleta de dados foi utilizado a planilha de resultados gerada pelo próprio google forms além de mensagens em forma de texto e áudios recebidas pelo WhatsApp sobre o uso da ferramenta.

Espero que este relato possa trazer contribuições para práticas educativas com a inserção das tecnologias sobre o processo de ensino aprendizagem e avaliativo.

Contexto e Realidade Investigada

Em agosto de 2020, atribuí as aulas das turmas dos 5º anos após a professora regente das aulas de Educação Física ter se afastado por motivo de licença maternidade.

Ao assumir as aulas percebi a grande dificuldade dos alunos e familiares em lidar com a quantidade de atividades e devolutivas. Somando a esta problemática, a distância entre o afastamento da professora regente e a atribuição destas aulas por parte da Secretaria de Educação fez com que muitos alunos parassem de enviar a devolutiva agravando mais a situação, pois muitas crianças passaram a deixar de realizar as atividades obrigatórias de Educação Física.

Diante deste contexto, lancei um novo olhar e percebi a necessidade de encontrar novas perspectivas que possibilitasse maior participação e praticidade para entrega e avaliação das atividades ofertadas.

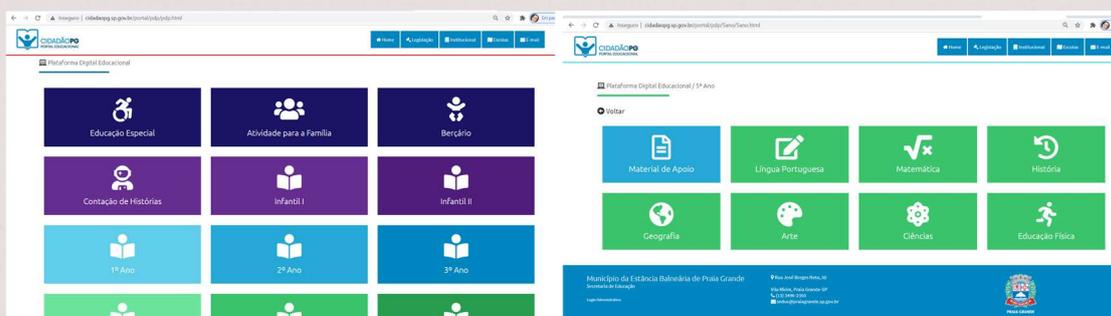




No município de Praia Grande, a Secretaria de Educação realizou a retomada do ano letivo por meio do ensino remoto com a implantação da Plataforma Digital Educacional e interação virtual com os professores e estudantes de modo que os mais de 53 mil alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação Especial e Educação de Jovens e Adultos (EJA) voltaram a rotina de aprendizado.

Figura 1 - Plataforma Digital Educacional

Figura 2 - Plataforma dos 5º anos



Nesse contexto, cada escola teve autonomia de elaborar um plano de ação que possibilitasse o compartilhamento das atividades disponibilizadas na Plataforma Digital Educacional e, opcionalmente, os professores podem elaborar outras situações de ensino e atividades complementares.

Em função desta situação, a escola adotou como ferramentas de compartilhamento das atividades, o Blog e o Facebook. Além disso, visando maior aproximação, interação e para plantão de dúvidas, os professores utilizam o WhatsApp.

Diagnóstico da Situação Problema





Com meu ingresso na unidade, passei a adotar todos os recursos que já vinham sendo adotados pela escola, porém, mesmo com o uso destes recursos verifiquei, desde minha segunda semana de trabalho na unidade, algumas dificuldades no envio das atividades por parte das crianças e, conseqüentemente, no registro de participação destes, uma vez que a participação é computada pela entrega das atividades e interação das crianças sendo também um dos principais recursos

para futura avaliação final. Logo, percebi a necessidade de adotar uma estratégia que favorecesse a participação dos estudantes.

O isolamento social e a imposição do ensino remoto ocasionaram uma perturbação geral da rotina das famílias e a urgência de adaptações à nova realidade. Nas primeiras interações com as crianças e familiares pude constatar que muitos já não estavam acessando as atividades disponibilizadas na plataforma sendo a falta de tempo, a burocracia e o volume de atividades. Para realização das atividades propostas as crianças precisavam imprimir a atividade, responder, tirar foto e enviar para a professora ou copiar no caderno e enviar a foto como forma de devolutiva.

Tal processo me pareceu um tanto burocrático, além disso, diante de tantas outras atividades enviadas pelos professores polivalentes, a atividade de Educação, ao que me pareceu, não era uma prioridade. Como já mencionado o atraso na atribuição das aulas fez com as crianças acumulassem ou parassem de realizar as atividades.

Foi, portanto, diante da necessidade de encontrar uma solução que funcionasse como ferramenta pedagógica e, ao mesmo tempo, despertasse o interesse dos alunos nas atividades remotas e, ainda, contribuísse para o processo avaliativo que optei por empregar o google formulário também conhecido como google forms como proposta de inovação/intervenção para as aulas de Educação Física.





Análise da Situação Problema e Proposta de Inovação/ Intervenção

O google formulários é uma das ferramentas do Google Docs utilizada para gerar formulários online. No âmbito da educação esta ferramenta tem sido utilizada para criação de testes de conhecimento, provas, pesquisas.

Empregada como recurso avaliativo no ensino remoto, a ferramenta possibilita um formato mais prático e menos burocrático para envio, recepção e realização da atividades; disponibiliza opções design e estilos; permite a criação de questões abertas, de múltipla escolha, caixa de seleção, lista suspensa entre outras; aceita a inserção de imagens e vídeos; pode ser enviado por meio de link compartilhável sem a necessidade de fazer login; permite otimizar o tempo uma vez que as respostas enviadas são coletadas e organizadas automaticamente gerando uma planilha para recebimento das respostas; opcionalmente pode-se configurar para que o estudantes tenha acesso imediato ao resultado caso o professor, na elaboração da atividade, atribua uma pontuação para as questões.

Quanto a análise, o professor pode verificar os dados obtidos pelos testes por meio de resumos automáticos; acompanhar o aproveitamento de cada aluno, individualmente e de toda a turma em conjunto para cada atividade desenvolvida.

Após análise da situação problema e ciente das potencialidades da ferramenta, passei a elaborar as atividades no formato de formulário incluindo textos para leitura, imagens e campo para as questões.





Figura 3 - Atividade no google forms

U3sPDkYmepKYVXOkmK9_nph1zRs7QyYtpcEwRwg/viewform

Brincadeiras regionais

Sul

Atividade 19

Registro da Resposta e Participação. Esta atividade também será utilizada na avaliação final.

*Obrigatório

Nome do Aluno ou Aluna: *

Sua resposta

Turma: 5 ano *

A

B

C

D

Figura 4 - Atividade no google forms

U3sPDkYmepKYVXOkmK9_nph1zRs7QyYtpcEwRwg/viewform

D

E

Brincadeiras e Jogos da Região Sul

A região Sul, que é formada por 3 estados (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná), assim como as demais regiões do Brasil, teve os indígenas como seus primeiros habitantes. Posteriormente, chegaram espanhóis, portugueses e, mais tarde, alemães, italianos e eslavos. Em menor número, imigrantes de outros países também se instalaram no Sul.

As construções, as comidas típicas, as danças e festas, são exemplos de elementos culturais trazidos pelos imigrantes europeus, que contribuíram muito com a sociedade brasileira, inclusive, com suas práticas corporais.

Entre as práticas corporais típicas do Sul, estão as brincadeiras como o "Caliu na rede é peixe", "Boi de mamão", "Taco" e "Esconde-esconde."

Vamos brincar?

Para brincar de esconde-esconde, uma pessoa será o pegador e os demais participantes deverão se esconder. O pegador deverá contar de olhos fechados e com o rosto voltado para uma parede, muro ou árvore, até um determinado número, enquanto os demais se escondem.

Quando concluir a contagem, o pegador deve tentar encontrar os participantes da brincadeira. Ao encontrá-los, precisa correr e encostar no ponto de partida e falar "um, dois, três" e o nome do participante encontrado, que passará a ser o pegador. Mas, se o participante escondido bater primeiro, poderá continuar se escondendo na próxima rodada.

Inicialmente, gravei um vídeo de orientações e propus aos estudantes que realizassem as atividades por meio do google formulários. Esta proposta também foi enviada por mensagens pelo WhatsApp.

Os formulários criados foram postados no facebook e blog da escola e, ainda, enviado por meio de lista de transmissão aos estudantes pelo WhatsApp.

Após o envio da atividade, o aluno recebe automaticamente uma mensagem de conclusão.

Ao longo das semanas os estudantes receberam a devolutiva e tiraram dúvidas quanto aos conhecimentos acessados ou mesmo dúvidas com a própria ferramenta, situação que ocorreu inicialmente visto que as crianças e familiares não estavam habituados a utilizarem a ferramenta empregada.

Por meio da interação via WhatsApp com os estudantes e familiares pude registrar alguns relatos como:

- Nossa! Ficou muito mais fácil, só clicar. (aluno)
- Sem dúvidas ficou muito melhor, eu que agradeço (mãe de aluno)



- Eu gostei, gostei muito do que você fez do que ficar tirando foto. (aluna)
- Assim fica mais fácil com certeza, ajudou muito. (mãe de aluno)

O aumento da participação também tem sido progressiva, pois tenho verificado pela planilha de resultados gerado automaticamente que, à medida que as crianças vão acessando e conhecendo a ferramenta, vão demonstrando mais receptividade em realizar as atividades e, alguns alunos que estavam com várias atividades atrasadas, conseguiram colocá-las em dia.

Quanto a avaliação, conforme nos aponta Hoffmann:

Não se pode dizer que se avaliou apenas por observar ou conhecer os alunos. Ou denominar por avaliação apenas a correção de seus testes e o registro das notas [...] Se a observação ou correção de tarefas não resultou em decisões pedagógicas sobre a continuidade do processo ensino-aprendizagem, esta metodologia não cumpriu sua finalidade essencial (HOFFMANN, 2015, n.p.).

Sendo assim, a ferramenta tem sido utilizada como um instrumento avaliativo e não como avaliação de todo o processo em si.

Considerações Finais e Contribuição Tecnológica/Social

Em um mundo que já se configura instável e subjetivo, somados a situação pandêmica, a busca por experiências de aprendizado mais efetivas e conectadas a nova realidade convocou a todos os educadores para o desenvolvimento de maneiras outras de ensinar, aprender, avaliar, compartilhar, colaborar. Daí a necessidade de sermos

“[...] capaz de enxergar as rupturas; identificar as consequências dos fatos [...] analisar e posicionar-se diante do inesperado que





marca a singularidade do tempo presente e daquilo que é visto como atual” (SANTOS; SCHNEIDER, 2018, p. 143).

A experiência com o uso do google formulários tem se apresentado de grande relevância para o contexto atual de ensino possibilitando novas reinvenções para a minha prática pedagógica.

A economia de tempo que seria dispensada para a correção das atividades me permitiu, por exemplo, fazer análises individuais e coletivas, despendendo mais tempo para elaboração das atividades de ensino e/ou interação com os estudantes.

O mesmo ocorre com a rotina das crianças e seus responsáveis, pois o emprego do google formulários proporcionou uma verdadeira desburocratização para realização e envio das atividades, estimulando o aumento da participação de todos os envolvidos.

Vale ressaltar que, embora as crianças estejam habituadas com as novas tecnologias, o que explica a facilidade com que receberam a nova forma de realização e entrega das atividades aqui relatadas, o uso em si da ferramenta não pressupõe avanços em termos de aprendizagem sendo essencial o acompanhamento e interação professor/aluno durante todo o processo.

REFERÊNCIAS

- Hoffmann, J. Avanços nas Concepções e Práticas da Avaliação In: XIII Congresso Internacional de Tecnologia na Educação, 2015. **Anais...**Pernambuco: Sesc/Senac, 2015. Disponível em: <http://www.pe.senac.br/congresso/anais/2015/arquivos/pdf/atlas/Texto1JussaraHofman.pdf>. Acesso em: 18 set. 2020.
- PÉREZ GÓMEZ, A. I. Compreender o ensino na escola: modelos metodológicos de investigação educativa. In: SACRISTÁN, J.G.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
- SANTOS, M. J.; SCHNEIDER, A. L. O Ensino de Atualidades e os desafios de compreender o tempo presente: uma perspectiva Transdisciplinar. **Revista Contexto & Educação**, 2018, 139-157.





ENTRE VÍDEOS TEMÁTICOS E AULAS AO VIVO: PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA ASSEGURAR O PROCESSO DE APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR EM TRABALHO REMOTO

Gisele Silva Soares

Resumo

O ensino remoto e a educação a distância se realizam pela utilização de recursos diferenciados, entre eles destacam-se as aulas ao vivo e os vídeos temáticos, embora sejam recursos diferentes podem ser utilizados em uma mesma experiência profissional. Propõe-se com esse relato a aproximação entre os dois recursos e uma reflexão sobre as características de cada um e abordando como cada um deles pode potencializar a prática educativa realizada de forma remota.

Palavras-chave: Educação a Distância. Ensino Remoto. Aula ao Vivo. Vídeo Temático.





Introdução

A pandemia da Covid-19 fez com que os educadores reinventassem a forma de ministrar aula, exercitando a educação em tempo remoto, o que demandou utilizar formatos diferentes para disponibilizar as explicações sobre diferentes conteúdos. Nesse contexto, como professora de ensino superior em dois trabalhos diferentes, foi possível no primeiro semestre do presente ano experimentar a gravação de vídeos a alunos de EAD, ao mesmo tempo, para o curso iniciei a prática da aula ao vivo. A reflexão proposta aqui refere-se aos formatos de aula realizadas no cenário da primeira fase da pandemia e não à modalidade de curso onde se leciona. Portanto, o objetivo desse relato é refletir sobre a experiência vivenciada através do trabalho pedagógico no curso do isolamento social em função da pandemia da Covid-19, permitindo a superação de desafios para a realização de um processo de aprendizagem positivo e satisfatório aos alunos adultos.

Contexto e realidade investigada

Segundo Freire (1996), um professor deve se mover com clareza na sua prática, devendo conhecer as dimensões que caracterizam a essência dessa prática, pois esse exercício pode levar à uma prática educativa mais segura com alcance mais profundo junto aos alunos.

Portanto, a primeira questão refere-se ao público-alvo que recebia os produtos de aprendizagem, os alunos de idade adulta; é relevante pontuar essa condição, pois eles próprios viviam as tensões do isolamento social e da pandemia com dilemas que envolviam à sua própria sobrevivência, uma vez que alguns continuaram trabalhando, outros foram afastados de suas atividades e tiveram sua renda diminuída, outros perderam o trabalho como reflexo da crise socioeconômica e sanitária que se instalou no país. Tais aspectos ressaltam, o





fato de que todos tinham motivos para parar de estudar, porém a maioria não o fez. Pode-se considerar que a relação professor-aluno é uma das formas preponderantes para que se mantenha o número razoável de alunos em sala de aula, ao mesmo tempo, em que esse não é o único motivo determinante, há inúmeras situações que podem pesar na permanência dos alunos.

Diagnóstico da situação-problema

As aulas ao vivo foram desenvolvidas através da ferramenta *Zoom*, sua utilização permitiu que os conteúdos do semestre fossem ministrados, o acompanhamento dos alunos por parte da professora foi realizado para além das questões formais do semestre, pois o contato ao vivo concorreu para que os dilemas vividos pelos alunos fossem compartilhados com a turma e com a professora, permitindo que nos aproximássemos da dinâmica de sala de aula sem, contudo, estarmos efetivamente nela.

Os vídeos temáticos remetem para experiência obtida na educação a distância, onde foi possível acrescentar pontos de reflexão nos vídeos disponibilizados ao longo do semestre e que contaram com temas diversificados, mas relacionados aos conteúdos de cada disciplina. Nesse caso, foi possível trabalhar temas transversais aos conteúdos disciplinares, os vídeos tinham a finalidade de apontar uma referência diferente, mas ainda abordar o debate e as reflexões vinculados aos conteúdos, ampliando o repertório dos alunos e atentando para a importância da interpretação e da reflexão crítica, necessárias ao processo de aprendizagem, à formação intelectual e profissional.

Cabe ressaltar que cada uma das práticas é independente da outra, ou seja, elas não estão interligadas, porém o ponto de ligação entre elas é o propósito educativo, uma vez que foram utilizadas no momento de restrição das interações sociais. A própria prática pedagógica foi revista, redimensionada para





que as diferentes modalidades de ensino pudessem continuar, ao menos em parte, cumprindo seu papel.

À essa altura cabe a indagação sobre a viabilidade de aproximá-las. Entende-se que a prática pedagógica diferenciada no curso da experiência profissional do educador permite que esse amplie seu repertório, ampliando as possibilidades de mediar o desenvolvimento dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.

Análise da situação-problema

Para Oliveira e Stadler (2014), um vídeo ou mesmo um recurso audiovisual que tenha caráter educativo deve voltar-se para uma narrativa prática com a perspectiva de estabelecer os conteúdos estudados com a formação profissional, apontando a relação entre o conteúdo e o exercício da profissão de escolha do aluno. Portanto, o recurso audiovisual deve expressar uma finalidade clara aos alunos. Outro aspecto necessário a se considerar é o tempo de duração, pois se muito extenso, pode o professor tornar o conteúdo desinteressante. Desta forma, vale pontuar de que forma cada um dos recursos problematizados aqui foram utilizados na experiência docente.

O vídeo temático pressupõe a definição do tema associado à realidade e a alguns conteúdos específicos da disciplina trabalhada. Portanto, ele pode ser interdisciplinar, afinal ele permite que o educador aponte pontos de reflexão para que os alunos possam fazer a relação do conteúdo estudado com a realidade vivida. O roteiro previamente preparado deve esboçar a precisão dos pontos e assuntos que merecem destaque, bem como das reflexões pontuadas, pois o vídeo não deve ser extenso uma vez que pode ficar cansativo, e com isso, o aluno pode desistir de assisti-lo até o final, podendo ser acessado várias vezes pela mesma pessoa ou por outras, embora fica disponível em um ambiente virtual. Além do conteúdo, o fato de o educador falar ao seu aluno e associar sua





imagem ao que está sendo apresentado pode ser um caminho para estreitar a relação entre aluno e professor, criando uma circunstância favorável para se trabalhar a importância de os alunos manterem uma rotina de estudo. No entanto, ao vídeo é necessário acrescentar uma outra ferramenta para garantir a interação entre professor-aluno e aluno-aluno, o fórum interativo constitui um recurso favorável para a continuidade do processo de reflexão e apropriação dos conteúdos destacados e associados com os dados da realidade social.

A aula ao vivo corresponde ao recurso utilizado para a substituição da aula presencial, acontece em tempo real e alcança as pessoas presentes no momento do encontro. Portanto, ele permite que o raciocínio seja desenvolvido, ao mesmo tempo em que as reflexões acontecem durante a exposição das ideias ou em seguida, pode se caracterizar de forma intensa quando há participação dos alunos. Desta forma, esse formato é mais dinâmico em relação ao vídeo temático. No entanto, ainda que se grave a aula, sua proposta é que se realize naquele momento com começo, meio e fim, justamente pelo fato de a interação ser favorecida pela continuidade, a exposição do conteúdo deve ser de forma argumentativa, até pela utilização do compartilhamento de material pedagógico.

O fato dessa mediação acontecer em tempo real permite que o educador tenha a dimensão do alcance de suas ideias e dos pontos de reflexão da turma. No entanto, sua realização expõe a instabilidade do sinal da internet, bem como dos equipamentos que cada um tem disponíveis para acompanhar a aula, correndo o risco de comprometer a realização da atividade em decorrência da exposição à instabilidade dos recursos individuais de cada participante, seja do professor, seja de cada aluno.

Considerações Finais

Conforme apontado, o vídeo temático e a aula ao vivo são recursos distintos, mas utilizados na educação a distância e no ensino remoto. Cabe





ressaltar que para a realização da prática educativa de forma remota, esses recursos também se constituem como recursos audiovisuais. Em ambos, o professor deve se preocupar com a mensagem e o conteúdo a serem abordados, entendendo que a utilização de cada um pode depender mais do objetivo a ser alcançado do que da modalidade de ensino.

À propósito, o momento que vivemos permitiu a aproximação entre essas diferentes modalidades de ensino. O que se evidencia é que independente do formato, deve o professor preocupar-se com o conteúdo a ser trabalhado para suscitar o interesse dos alunos para que busquem seu aprofundamento, identifiquem tal conteúdo como relevante para a formação e o exercício da profissão escolhida e, ainda, que possam refletir para relacionar conteúdo e realidade vivida no esforço e exercício de aproximação entre teoria e prática.

REFERÊNCIAS

BERLLONI, M. L. **Mídias-educação ou comunicação educacional? campo novo de teoria em formação na sociedade do espetáculo.** São Paulo, Loyola, 2002.

CORTÊS, H. **A importância da tecnologia na formação de professores.** Revista Mundo Jovem. Porto Alegre, n. 394, p.18, mar de 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessário à prática educativa.** São Paulo, Paz e Terra, 1996.

OLIVEIRA, A. & STADLER, P. **Videoaulas: uma forma de contextualizar a teoria na prática.** Curitiba, ABED, 2014.





LABORATÓRIO VIRTUAL: UM ESPAÇO DE APRENDIZAGEM E DE COMPARTILHAMENTO DE PRÁTICA

Maria Isabel de Abreu

Resumo

Aborda a criação de um Laboratório Virtual em um curso de Licenciatura em Educação Especial, na modalidade EaD, promovendo a interação entre docentes e discentes em um espaço organizado por temas e materiais que pudessem auxiliar o trabalho e a formação de todos, sendo, ao mesmo tempo, local de apresentação de práticas e de debates de questões pontuais. Através de pesquisa bibliográfica de autores e documentos que abordam tanto a educação a distância, quanto as práticas docentes em uma perspectiva inclusiva, buscamos apresentar, por meio de um recorte feito em um dos vários fóruns de discussão, a importância dos debates ocorridos neste laboratório, a necessidade de despertar nos docentes o espírito de cooperação e de solidariedade, ao compartilhar experiências e materiais criados em um modelo que aproxima docentes e discentes que constroem diariamente um cenário de aprendizagem e de práticas exitosas.

Palavras-chave: EaD. Laboratório Virtual. Práticas Docentes. Fórum. Cooperação.





Introdução

Este relato de experiência traz algumas vivências na construção de um laboratório virtual para alunos e docentes do Curso de Educação Especial do qual sou a coordenadora em EaD, da UNIMES – Universidade Metropolitana e Santos. Na modalidade EaD, os cursos de licenciatura têm cada vez mais ampliado seus horizontes e buscado, por meio da diversidade de ferramentas disponibilizadas pelo ambiente de aprendizagem - AVA - empregado pela Universidade (Moodle), maior alcance em relação às práticas docentes que se apresentam como estratégias de aprendizagem criativas e inovadoras.

Para Kenski (2012) a revolução digital vem transformando o espaço educacional, e, em especial, os processos de ensino e aprendizagem, antes somente possíveis em espaços físicos e delimitados, como é o caso das salas de aula e outros no interior das instituições escolares como as salas de leitura e os laboratórios.

Para Demo (1994, p. 60) “a educação à distância será parte natural do futuro da escola e da universidade”. Complementa, que “o uso do correio, ainda que ocorra dará lugar ao meio eletrônico que para ele dominará a cena”. Enfim, hoje é o que vemos!

Partindo da premissa de que na modalidade EaD, professores e estudantes encontram-se em espaços e tempos diferentes durante o processo de ensino e aprendizagem, é por meio da tecnologia que irão estabelecer as relações de aprendizagem e de troca que possibilitarão as construções no laboratório virtual e em todos os espaços de aprendizagem do curso.

Sendo uma modalidade que, por sua natureza, acomoda em um mesmo espaço síncrono ou assíncrono, pessoas vindas de diferentes partes, com as mais diversas histórias de vida, é certo que as contribuições para o laboratório são extremamente enriquecedoras para tantos quanto o frequentarem.





Para Gonçalves e Vieira (2013, p.42): “[..] o papel do estudante na modalidade EaD é ressignificado , tendo em vista que ele se assume como protagonista do processo de aprendizagem, uma vez que a ele é atribuída uma autonomia nos estudos, a qual, por sua vez, encaminha para autoaprendizagem.” Os autores ressaltam em seguida que autoaprendizagem não dispensa a orientação pedagógica e o acompanhamento efetivo do professor tutor e do professor.

Maia e Mattar (2007, p. 17) atestam que alguns alunos preferem sistemas menos estruturados e mais dialógicos e outros, o contrário. Afirmam ainda que o aluno virtual tem mais autonomia que o presencial, no sentido de que teria desenvolvimento nessa modalidade domínio sobre seus objetivos, experiências de aprendizagem e decisões acerca das formas de avaliação.

Contexto e realidade investigada

O curso de Licenciatura em Educação Especial da UNIMES Virtual iniciou-se no segundo semestre de 2017 e no ano seguinte assumi sua coordenação. Tem como objetivo maior a formação de docentes para atuar com alunos com deficiências, transtornos do neurodesenvolvimento e com altas habilidades/superdotação. As disciplinas da matriz do curso contemplam tanto a formação pedagógica tão necessária ao futuro educador quanto o estudo aprofundado da educação especial em uma proposta inclusiva. Trata das questões relativas à diversidade existente nos espaços escolares de nosso país. As disciplinas abordam os fundamentos teóricos da inclusão escolar, as especificidades dos principais tipos de deficiência além de uma abordagem humanista, tratando das necessidades específicas de qualquer aluno, pois, qualquer um deles, independentemente de ter sido diagnosticado com algum tipo de síndrome ou doença, pode, em qualquer circunstância incomum, necessitar dos atendimentos e dos serviços ofertados pela educação especial no âmbito





escolar. Assim, seus alunos são formados para adquirir um olhar sensível em relação ao outro, compreendendo que todos são diferentes e que para a satisfação de suas necessidades é fundamental compreender princípios como a equidade e a alteridade, que devem ser posturas a serem incorporadas em suas práticas profissionais.

A criação do Laboratório Virtual de Educação Especial foi idealizada com o intuito de ser mais que um repositório de materiais em formato de texto, vídeos e apresentação de recursos de acessibilidade. Pensou-se em um espaço privilegiado, onde docentes e discentes pudessem se encontrar e trocar experiências, vivências e materiais.

Para que esse ponto de encontro fosse criado e pudesse oferecer aos seus usuários as oportunidades de interação tão necessárias, inicialmente foram colocados, no primeiro bloco da sala, um texto de apresentação, no qual indicamos os objetivos do laboratório:

“Promover: o diálogo com saberes e fazeres, para a construção coletiva de uma prática transformadora; o aprimoramento profissional do professor, possibilitado pela interação com colegas e alunos; condições para que os alunos desenvolvam a autonomia na busca de solução para os problemas que surgirem no exercício da profissão, no trato com seu alunos que necessitam de adequações em relação à estratégias e recursos de aprendizagem; a criação de um núcleo de pesquisa e experimentação; a organização de um centro de documentação; a dinamização dos debates e difusão de reflexões, de experiências e práticas inclusivas” (Trecho retirado do texto de apresentação do laboratório.).

Em seguida, subdividimos a sala do laboratório em blocos. Cada um desses blocos contempla um relacionado ao curso: 1.Práticas exitosas na inclusão escolar; 2.A diversidade na escola; 3.Transtornos do neurodesenvolvimento 4.Deficiência Intelectual, 5.Deficiência Auditiva/surdez, 6.Deficiência Visual, 7.Deficiência Física, 8.Deficiência Múltipla, 9.Superdotação e Altas Habilidades, 10.Dificuldades de Aprendizagem, 11.Materiais de Apoio





para o Professor Escola Inclusiva, 12.Políticas Educacionais Inclusivas, 13.Afetividade e Sexualidade na Educação Inclusiva, 14.Tecnologia Assistiva e por último, 14.Acessibilidade ao ambiente virtual de aprendizagem. Para cada tema convidamos os docentes do curso para contribuírem com materiais: livros, manuais, artigos, dicionários virtuais de Língua de sinais, vídeos com entrevistas de especialistas, relatos de experiência, reportagens, demonstração de equipamentos que promovem a acessibilidade e construção de materiais didáticos para atender aos diferentes estilos de aprendizagem. Em cada bloco disponibilizamos um fórum com propostas de interação para docentes e discentes.

Maia e Mattar (2007, p. 54) definem que um fórum é uma das atividades assíncronas mais comuns em EaD. Nele, comentários de professores e alunos são publicados em uma área a que todos têm acesso. Podem ser elaborados a partir da leitura de um texto ou simplesmente diante de uma proposta de debate.

Entretanto, não se pode desconsiderar o fato de que estamos diante de um universo bastante diversificado, tanto do ponto de vista geográfico quanto econômico e social. O uso da tecnologia, o acesso à internet, os conhecimentos prévios para acessar uma plataforma de um curso à distância, não são algo que está ao alcance de todos. Para alguns dos nossos estudantes, transitar na plataforma do curso é uma condição bastante simples e que envolve conhecimentos que já possuem. Para outros, atraídos pela possibilidade do ensino à distância e até mesmo pelo baixo custo do investimento, o acesso à plataforma e a tudo que envolve essa modalidade é algo novo, que causa insegurança e grandes dificuldades.

Os estudantes que ingressam num curso EaD devem adquirir habilidades que os tornem aptos para o manejo da tecnologia para a aprendizagem e para isso é fundamental características como capacidade de tomar decisões, autodeterminação, organização, disciplina. Maia e Mattar (2007, p.85) afirmam que é esperado que desenvolvam novas atitudes para atender às





propostas de atividades em ambiente virtual, que desenvolvam estratégias de estudo adequadas e que utilizem e explorem os recursos de comunicação que sempre se inovam. Para tanto, o aluno do EaD precisa ter confiança no uso da tecnologia e motivação extra para os estudos. Portanto, aderir à EaD não é tarefa fácil para alguns estudantes que decidem seguir por essa modalidade. Alguns não se adaptam e simplesmente migram para a modalidade presencial.

Entretanto, estamos diante de novos tempos e a tecnologia faz parte da vida de todos em segmentos diferentes, mas na área do ensino tem se mostrado cada vez mais presente e necessária. Para Hack (2011, p. 66): “A tecnologia precisa ajudar o aluno a desenvolver suas próprias estratégias de estudo, levando-o a conhecer sua estrutura e suas habilidades cognitivas, ou seja, como ele aprende melhor. A tecnologia deverá sempre ser um meio e não o fim do processo de construção do conhecimento a distância.”

Diagnóstico da situação-problema e/ou oportunidade

Grande parte dos nossos alunos já possui uma primeira graduação, portanto, são: pedagogos, professores de Educação Física, de Geografia, de História, licenciados em Letras, entre outras. Essa formação e a experiência docente permite uma discussão acalorada e realista em nossos fóruns. Quando, por exemplo, propomos que compartilhem num determinado momento, jogos da memória inclusivos, assistimos a uma infinidade de modelos, cores e formas de jogos que os próprios alunos já construíram com suas turmas e já possuem em seu rol de materiais de uso na escola. Quando a proposta é falar sobre as práticas inclusivas em Libras, vários dos nossos alunos já tiveram a oportunidade de ministrar aulas para alunos surdos e nos contam como foi a experiência, o que aprenderam e as dificuldades que tiveram.





Análise da situação-problema e propostas de inovação ou intervenção ou recomendação

Uma das discussões bastante acaloradas ocorreu no bloco destinado ao tema “A diversidade na escola”. Nesse espaço, inserimos vários textos, entre eles: a Declaração Universal dos Direitos Humanos e Manual Orientador sobre Diversidade. No fórum apresentamos um vídeo contextualizando os 70 anos de adoção da Declaração Universal dos Direitos Humanos e solicitamos aos participantes que refletissem sobre a seguinte questão:” O que tem sido feito nos últimos anos em favor de um mundo mais digno e justo, no qual as diferenças entre as pessoas sejam somente informações sobre elas, sem significar um rótulo indesejável que na maioria das vezes as inferioriza?”. Tal proposta foi feita no período 2020.1 e 2020.2 (atual). Em 2020.1, com 1077 alunos matriculados no curso e inscritos no laboratório, a ótica dos participantes tendeu para a questão dos direitos que as pessoas acreditam ter, e os deveres que as pessoas não cumprem, socialmente.

Com cerca de 300 postagens este fórum, assim como os demais da sala, teve acessos durante todo o semestre, mesmo sendo uma atividade não avaliativa.

Grande parte dessas postagens fazia alusão à prática e às relações existentes na comunidade escolar. É o caso do Aluno A que fez a primeira postagem no fórum em 05 de fevereiro : “Boa tarde, bom em se tratando de direitos e deveres existe ainda uma barreira ,barreira esta que está sendo fragmentada aos poucos, na maioria das escolas ainda há muita falta de respeito. Os pais cobram muito e não dão o devido apoio as (sic) escolas. A violência está aí pra todo mundo ver e sentir, muitas vezes banalizada por muitos, as notícias de tanta violência e maldade já não estão repercutindo tanto, parece que estamos anestesiados, sem muito o que fazer.” - O Aluno A





demonstra sua experiência como docente, com os problemas que identifica na escola e que denotam a falta de respeito aos direitos individuais.

Em 10 de março, o Aluno B se posiciona sobre o mesmo tema, mas aborda a situação da pessoa com deficiência: “Onde eu vivo a deficiência ainda é vista como uma condição penosa, onde as pessoas são tratadas muitas vezes como incapazes. É triste pois as pessoas não se informam sobre a condição do outro e nem o que a lei proporciona para esses indivíduos. É preciso mais conscientização, sair do papel pra ser efetivo na vida real”. Em sua fala não faz alusão à escola, mas reflete sobre o nosso objeto de estudo: a pessoa com deficiência e o estigma social que sua condição envolve.

O Aluno C, em 19 de abril, posiciona-se em relação aos direitos e deveres que fazem uma sociedade ser como é: “Observo que a nossa sociedade tem muita informação, mas nem sempre é utilizada de forma coerente. Antes as pessoas não conheciam seus direitos, apenas os seus deveres. Hoje a maior parte da sociedade só se importa com seus direitos, não se importando com o outro.

As escolas têm realizado muitos projetos voltados a prevenção ao *bullying*, combate à discriminação racial, social e sexual. Vejo que muitas das vezes as crianças entendem que é errado estas práticas, mas com a influência vivida em casa continuam reproduzindo atitudes agressivas e desrespeitosas para com o outro. Nas escolas que já trabalhei, percebo que as crianças com necessidades especiais são tratadas com respeito, carinho, mas nem sempre são incluídas nas atividades realizadas, por despreparo dos profissionais envolvidos, gerando assim um desrespeito ao seu direito de participar de todas as atividades ofertadas nas escolas.” Na riqueza de sua contribuição o aluno C aponta fatos reais que ocorrem nas escolas e a partir disso, outros colegas complementam com suas vivências, complementado ou mesmo indignando-se.

A última postagem, feita em 25 de junho pelo Aluno D parece apresentar uma conclusão do debate acerca do tema: “Boa noite a todos!





O principal fundamento dos direitos humanos é a garantia da dignidade. Todos os seres humanos devem ter reconhecido seu direito a ter direitos. Isso significa que todas as pessoas devem ter a garantia de viver dignamente. Portanto, violências no campo físico, moral, psíquico, social, cultural são inaceitáveis!”

Contribuições Finais e Contribuição Tecnológica/Social

Quando analisamos as contribuições dos fóruns, que assim como esse, denotam o interesse dos alunos em discutir os temas do curso, que são temas atuais, que por vezes são difíceis e que trazem à tona o que cada um deles possui e compartilha com o grupo, é possível perceber suas angústias, suas expectativas e a importância de se ter espaços de discussão como esse.

Neste laboratório, não foram feitas restrições em relação ao semestre cursado. Todos os alunos podem acessar todos os blocos, participar de todos os fóruns e conhecer tudo que há nele, estando no primeiro ou no último período do curso.

Hack (2011, p. 16), ao refletir sobre a EaD faz alusão ao construtivismo, cujas bases teóricas assentam-se nos estudos de Jean Piaget e Vygotsky. Nele, o construtivismo, o conhecimento nunca está pronto e acabado. É um processo contínuo que se constrói.

Com base na abordagem construtivista, entenderemos a EaD como uma prática educativa que busca aproximar o saber do aprendiz. Ou seja, o conhecimento é construído pelo aprendiz em cada uma das situações em que ele está utilizado ou experimentado. Um dos aspectos importantes do construtivismo está no fato de que a realidade pode ser abordada sob várias perspectivas para possibilitar ao aprendiz a apropriação de tal realidade, segundo as diversas óticas sob as quais ela pode ser considerada. Assim, os processos e os resultados de uma prática construtivista são diferentes de um indivíduo e de um contexto a outro, pois a aprendizagem acontece pela interação que o aprendiz estabelece





entre os diversos componentes do seu meio ambiente.(HACK, 2011, p. 16)

Acreditamos que este laboratório criado no curso de Educação Especial, concebido e concretizado pela dedicação de vários docentes e, ainda, enriquecido com a disposição e o engajamento de discentes/docentes, que se mobilizaram para refletir sobre as propostas, que disponibilizaram tempo e esforço para socializar suas práticas e suas vivências, cumpre a sua função inicial e não se detém. Avança em direção à formação de profissionais comprometidos com o ensino, cooperativos, proativos e conscientes da causa que escolheram abraçar.

REFERÊNCIAS

DEMO, P. **Pesquisa e construção de conhecimento**: metodologia científica no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

GONÇALVES, E. M. N., VIEIRA, S. R. **Introdução à educação a distância**. Ed. Ver. Atual. Rio Grande: Editora da FURG, 2013 (Coleção Cadernos Pedagógicos EaD, vol.1) . Disponível em: <http://www.sabercom.furg.br/bitstream/1/1587/1/Introducao-a-educacao-a-distancia.pdf> Acesso em 19 set 2020.

HACK, J. R. **Introdução à educação a distância**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011. Disponível em: http://www.hack.cce.prof.ufsc.br/wp-content/uploads/2011/04/IntroEAD_WEB.pdf acesso em 20 set 2020.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012.

MAIA, Carmem, MATTAR, J. **ABC da ead**. 1ª Edição. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.





AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM NO SOFTWARE GOOGLE CLASSROOM

Janete Santos da Silva Monteiro de Camargo

Resumo

O tema da presente pesquisa surgiu diante do contexto de pandemia que estamos vivendo e a necessidade de reflexão sobre a aprendizagem na disciplina de Arte. Esta investigação pretende levantar dados que verificam como está a realização da aprendizagem e o acesso ao *Google Classroom* e pontuar as vantagens e desvantagens do uso do *software*, para isso faremos o levantamento de uma única turma, do ensino médio do ensino noturno, de um colégio estadual, da cidade de Maringá, estado do Paraná. Os métodos utilizados para a pesquisa foram: revisão bibliográfica e o quali-quantitativo. Os resultados comprovam que a aprendizagem está em queda, por isso há a necessidade de implementar novos caminhos e recursos pedagógicos.

Palavras-chave: *Google Classroom*; Pandemia; Aprendizagem; Arte.





Introdução

A Presente pesquisa foi resultado de uma avaliação da aprendizagem dos estudantes matriculados no primeiro ano do ensino médio, no período noturno de uma escola estadual no município de Maringá, Paraná.

O objetivo desta investigação é refletir sobre a aprendizagem dos estudantes pesquisados, durante o primeiro e o segundo trimestre, do corrente ano, através de uma coleta de dados.

Os sujeitos investigados frequentam as aulas do ensino médio regular, do período noturno, são adolescentes e jovens com idades a partir de 15 anos, vários já são trabalhadores e por este motivo precisam estudar à noite.

Esta pesquisa teve como pressuposto os seguintes questionamentos:

Quantas atividades os estudantes acessaram no *Google Classroom* no primeiro e segundo trimestre? A aprendizagem evolui ou regrediu? As atividades impressas diminuíram ou aumentaram?

A fim de respondermos tais indagações recorreremos a algumas referências bibliográficas significativas.

Ferramentas das aulas remotas no Paraná e aprendizagem: Pontos positivos e pontos negativos

O App Google Classroom, ou Google sala de aula foi lançado ao público, oficialmente no dia 10 de setembro de 2014, pela Google, compõem o app do *G Suite for Education*, embora seja uma ferramenta nova é uma das principais ferramentas usadas no cenário contemporâneo. É uma plataforma web gratuita para alunos e professores, com objetivo de oferecer uma prática pedagógica digital de apoio no processo educativo. (CARNEIRO; LOPES; NETO, 2018, pp.404-405).





No caso do Estado do Paraná, a partir do dia 06 de abril se tornou o ambiente virtual principal norteador do processo de ensino e aprendizagem, disponibilizado para todos os docentes, discentes e equipe pedagógica.

De acordo com Araújo (2016) acrescenta que o aplicativo Google Sala de Aula é um objeto de ensino aprendizagem que foi desenvolvido para auxiliar o professor em sala de aula, é um pacote gratuito Gmail, Google Drive, Documentos Google é uma ferramenta que possibilita a criação de turmas para que haja um compartilhamento virtual de informações e documentos.

No sistema privado, o Google Gmail oferece 15 gigas gratuitos de armazenamento, no entanto o Estado do Paraná, em parceria com a empresa conseguiu implantar um Gmail institucional para discentes e docentes com armazenamento ilimitado, desta forma não é necessário o educador se preocupar em limpar os e-mails recebidos, uma vez que cada atividade que os estudantes enviam para correção, chega uma mensagem no e-mail do professor, e por isso, a caixa de mensagens está sempre lotada, ter um e-mail com espaço ilimitado é um ponto positivo da parceria junto ao Google. As mensagens que chegam constantemente podem ser ocultadas, mas acreditamos que é importante ser notificado quando os estudantes realizam as atividades.

CARNEIRO; LOPES; NETO, (2018), apresenta os três fluxos principais do *Google Classroom* que são: mural, guia sobre, e guia alunos. O guia sobre é um espaço que o professor pode disponibilizar materiais de apoio às aulas, orientações, etc, nesta aba também é possível convidar outros educadores para participarem da turma de forma colaborativa e assim desenvolverem atividades interdisciplinares. Na guia alunos é possível identificar os alunos da turma, mandar mensagens personalizadas, além de convidar outros alunos para a turma. Com relação ao mural:

Onde são alocadas as atividades que os professores deixam para os estudantes. Estas ficam dispostas em ordem cronológica de





postagem (da mais recente para a mais antiga). Nessa guia, o professor além de elaborar e criar atividades (datadas com prazo de entrega ou simplesmente agendada para publicação futura) pode anexar diferentes tipos de formatos de materiais de apoio (arquivos, textos, links, vídeos, áudios, formulários, etc). Assim, esses materiais podem facilmente ser acessados, visualizados ou baixados, convenientemente, pelo aluno a qualquer hora e em qualquer lugar. (CARNEIRO; LOPES; NETO, 2018, p.405).

Chamamos atenção para o mural, porque é nessa aba que o professor do Estado do Paraná, posta material complementar às aulas transmitidas pela TV

aberta e assim também registra sua presença, é uma espécie de livro ponto virtual. (PARANÁ,2020).

É importante ressaltar que no mural, o educador esclarece algumas resoluções de atividades, esclarece dúvidas de exercícios, comenta sobre seu plano de trabalho, posta link do *Google meet* para as aulas virtuais ao vivo, mas sem sucesso, a grande maioria dos estudantes não têm o hábito de ler as mensagens postadas no mural e com isso apontamentos importantes ficam despercebidos, isto é um ponto negativo porque impede que o processo educativo seja mais efetivo. Assim, essa interação deveria ser feita juntamente com a descrição da atividade, desta forma, com certeza as mensagens seriam lidas pelos estudantes.

Araújo (2016), aponta os pontos positivos dessa ferramenta: há a possibilidade de mensagens instantâneas via *Hangouts*, trabalhar com agendamentos de atividades, a praticidade do ambiente de sala de aula, a possibilidade de criação de *Websites* e o incentivo de criação de redes sociais, a possibilidade de postagens de atividades para serem resolvidas individualmente e coletivamente. Como desvantagens a autora, cita a falta de estruturação na disponibilização dos recursos, sendo prático apenas para atividades do dia a dia, a dependência do sistema da internet, há a





obrigatoriedades de existir um domínio associado ao Google Apps Educação e a obrigatoriedade dos usuários possuírem um e-mail institucional, vinculado ao domínio da escola.

A obrigatoriedade dos usuários possuírem um e-mail institucional vinculado à escola, vemos como um ponto positivo, uma vez que as atividades são de cunho institucional. Com relação a obrigatoriedade do uso da internet, o governo do Paraná implantou o aplicativo Aula Paraná, o estudante deve baixá-lo e acessando o Google sala de aula pelo aplicativo, não consome internet e nem os dados móveis, desde que na hora da instalação do App, faça a configuração correta. Os estudantes foram orientados sobre como baixar e usar o app Aula Paraná e a ferramenta Google sala de aula à distância, vias plataformas virtuais como *facebook*, *whatsapp*, etc, mas não conseguiram absorver as explicações e a maioria deles usa a ferramenta com acesso à internet e os que não possuem internet, optaram pelo uso de atividades impressas. Apontamos também como um fator negativo do uso do *Classroom* o fato de que vários alunos enviam atividades para a correção do docente e elas não aparecem no formulário do *Google Forms*, causando um transtorno tanto para o educador, quanto para educandos.

As aulas presenciais no Paraná foram suspensas no dia vinte de março, do corrente ano e através da Resolução Seed nº 1.016 - 03/04/2020 - Regime especial - aulas não presenciais, publicado no diário oficial 10663 no dia 06 de abril de 2020, houve a regulamentação do ensino remoto. A partir desta data, a

mantenedora disponibilizou lives tutoriais, canal do youtube, etc, e posteriormente cursos com a finalidade de capacitar os educadores.

Em pouco tempo o professor mediador de sala de aula convencional, tornou-se um mediador de aulas virtuais e teve que se reinventar muito rapidamente, causando às vezes a sensação de que estava aprendendo tudo



rapidamente e às vezes tendo a sensação de que não estava dando conta, e desta forma segue até hoje.

Uma sala de aula não é um repositório de conteúdos digitais, é um espaço ativo e dinâmico onde os estudantes recebem informações sobre as atividades online que devem realizar dentro e fora da plataforma, individualmente ou em grupo, exatamente como um ambiente de sala de aula física. (MOREIRA, HENRIQUES, BARROS, 2020, p.357).

Embora, haja limitações por parte de alguns educadores, acreditamos que é função do docente se reinventar a cada dia e conseguir disponibilizar aos educandos uma educação de qualidade, mesmo que remotamente.

Discussões e resultados

Faremos uma leitura atenta acerca dos dados coletados em forma de tabela acerca da quantidade de estudantes que realizaram as atividades postadas pela professora no *Classroom*, verificando também se os acertos foram integrais, parciais, ou se erraram a atividade. Também foram coletados dados referentes a resolução de recuperações postadas.

Tabela 01- 1º trimestre- estudantes que realizaram a atividade, acertaram integralmente, parcialmente ou erraram

atividades	realizaram a atividade	acerto integral	acerto parcial	erraram
atividade 01	19	16	00	03
atividade 02	21	20	00	01
atividade 03	20	18	00	02
atividade 04	19	18	03	01
atividade 05	16	02	11	03
recuperação 01	02	00	02	00





recuperação 02 06 01 06 00

Fonte: elaborada pela autora, com base em pesquisa, 2020.

Tabela 02- 2ºtrimestre- estudantes que realizaram a atividade, acertaram integralmente, parcialmente ou erraram

atividades	realizaram a atividade	acerto integral	acerto parcial	erraram
atividade 01	16	16	00	00
atividade 02	10	10	00	00
atividade 03	02	02	00	00
atividade 04	09	09	00	00
atividade 05	05	05	00	00
atividade 06	12	12	00	00
atividade 07	17	15	02	00
atividade 08	14	12	00	02
recuperação 01	18	14	04	00
recuperação 02	07	00	07	00

Fonte: elaborada pela autora, com base em pesquisa, 2020.

Antes de promovermos as discussões, é importante salientar que no primeiro trimestre foram postadas um número menor de atividades porque durante as aulas presenciais já havia sido avaliado trinta pontos.

Com estes dados coletados, depreende-se que no primeiro trimestre, embora os estudantes ainda estavam se familiarizando com o aplicativo Aula Paraná, eles realizaram mais atividades, estavam motivados para a aprendizagem. Na atividade quatro foi atribuído mais nota, mas nem por isso se destacou entre as demais, enquanto que no segundo trimestre o número de alunos que realizaram as atividades foi bem menor. Percebe-se então que os jovens selecionaram as atividades que queriam realizar, optando pela resolução das questões de múltipla escolha e que valiam mais nota, a questão 02, embora valesse mais nota, somente dez alunos optaram pela resolução da mesma, por ser uma atividade dissertativa, que exigia um pouco mais de atenção e reflexão





por parte deles. Com relação a questão 07, infere-se que dois motivos foram fundamentais para que houvesse o maior número de estudantes que a realizaram, nela foi atribuída um valor maior do que as outras, e era de múltipla escolha. Portanto, acredita-se que os estudantes preferem realizar atividades que valem mais nota e também dão preferência às questões de múltipla escolha.

Com relação as recuperações, no primeiro trimestre bem menos estudantes as realizaram, visto que já tinham conseguido uma média boa sem a mesma, enquanto que no segundo trimestre, o número de jovens que optaram pela resolução das recuperações aumentou significativamente e isto deve-se ao fato da não realização das atividades semanais, também tivemos alguns estudantes que só fizeram as recuperações e isso mostra o quanto eles estão desmotivados para as aulas.

Embora os dados tabulados não revelam o número de adolescentes que optaram pela atividade impressa, verificamos em nossos registros que durante o primeiro trimestre, nesta turma havia somente três estudantes realizando as atividades de modo impresso, enquanto que no segundo trimestre aumentaram pra quatro estudantes, sendo que um dos que realizavam atividades impressas começou a acessar o app *Classroom*. Assim, obtivemos um pequeno aumento de estudantes que optaram pelas atividades impressas.

Após discussões realizadas por todos os educadores, decidimos que faríamos um cronograma de videoconferências, via *Google meet* para a turma, com horário fixo e os convocaríamos pra uma reunião, a fim de explicar e ressaltar a importância de usar este recurso tecnológico.

Dia 14 de setembro, iniciamos o terceiro e último trimestre de atividades pedagógicas remotas e devido aos dados coletados, ficou claro que é necessário postar atividades atribuindo um valor maior, já que é a que os estudantes mais realizam, uma das ações para reverter a situação de queda de aprendizagem foi a decisão de inserção dos professores no grupo de whatsapp da turma e também a realização de aulas ao vivo, via *Google Meet*, para assim,



tornar o ensino ainda mais híbrido e conseguir atingir o objetivo maior da educação: um ensino e aprendizagem mais efetivo e significativo, um maior número de aprovações.

Considerações Finais

A presente pesquisa é relevante porque mostra através de dados tabulados como apresenta a aprendizagem dos estudantes e através desses dados foi possível perceber que os estudantes encontram-se cansados das aulas remotas, cansados de resolver tantas atividades e começaram a selecionar quais farão. Com isso as notas e a aprendizagem despencaram, cabendo ao docente e a equipe pedagógica discutirem quais caminhos serão seguidos a partir desses dados. Um dos caminhos será a intensificação da realização de aulas ao vivo, via plataforma do *Google Meet*.

Evidenciamos que o ensino remoto não é eficiente e que a aprendizagem vai decaindo com o tempo, recaindo sobre o educador a tarefa de conseguir que a sala de aula virtual torne-se mais atrativa e interessante. É preciso repensar o ensino remoto urgentemente para que assim, não haja reprovação em massa.

Como uma estratégia para recuperar a aprendizagem, o governo do Paraná, implantou em 2019 o Projeto Se Liga e à partir do terceiro trimestre já será aplicado novamente, agora no formato remoto.

Com o ensino remoto, notamos que os estudantes não possuem maturidade e nem autonomia para aprenderem sem a presença efetiva e real do educador, ficou claro que são dependentes da figura do educador, que praticamente dá o conteúdo mastigado para eles, não proporcionando a autonomia dos mesmos.

Portanto, quando retomarmos o trabalho pedagógico nas aulas presenciais é necessário repensarmos a nossa prática pedagógica,





possibilitando a aquisição de autonomia por parte dos estudantes e possamos inserir de uma vez por todas ferramentas tecnológicas no contexto pedagógico. No contexto atual é necessário reinventar o Google sala de aula, agregando a ele, atividades elaboradas por intermédio de aplicativos gratuitos, para que assim o ambiente torna-se ainda mais atraente e diversificado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Helenice Maria Costa. **O uso de ferramentas do aplicativo “Google sala de aula”, no ensino de Matemática**. Repositório UFG, Catalão, 2016.

CARNEIRO, Jairo Rodrigues Soares; LOPES, Alba, Sandrya Bezerra, NETO, Edmilson Barbalho, Campos. **A utilização do Google sala de aula na educação básica: uma plataforma pedagógica de apoio à Educação Contextualizada**. VII Congresso Brasileiro de Informática (CBIE) Anais do XXIV Workshop de Informática na escola (WIE) 2018.

MOREIRA, José António Marques; HENRIQUES, Suzana; BARROS, Daniela. **Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia**. Dialogia, n.34 p.351-364 jan/abr,2020.

PARANÁ. **Diário Oficial do Estado do Paraná (DOEPR)**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/DOEPR/06> de abr.2020. Acesso em 09 set.2020.

PARANÁ, Secretaria da Educação e do esporte. **Nova tecnologia facilita o registro de presença do professor em tempos de pandemia**. Disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/Noticia/Nova-tecnologia-facilita-o-registro-de-presenca-do-professor-em-tempos-de-pandemia>. Acesso em 18 abr.2020 .

